

Swami Vivekananda
EPOPÉIAS DA ÍNDIA ANTIGA

(Edição brasileira)



BIBLIOTECA UPASIKA

www.upasika.com

Colección “Viveka” N° 5

Epopéias da Índia Antiga



Swami Vivekananda

Índice

Prefacio, 4.

O Râmâyana, 6.

I O Poeta, 6.

II O Argumento, 8.

III Simbolismo, 14.

O Mahabharata, 16.

I Origens, 16.

II O Argumento, 16.

III História de Savitri, 20.

IV No Desterro, 23.

V A Batalha, 25.

VI A Restauração e a Abdicação, 26.

O Bhagavad Gita, 29.

História de Jada Bharata, 34.

História de Prahlada, 36.

Os Grandes Instrutores

I Os Instrutores, 39.

II Krishna, 42.

III Buda, 44.

Ramakrishna, 52.

O Pensamento Religioso da Índia, 68.

O Psiquismo e a Ciencia, 71.

Prefácio

Swami Vivekananda é um símbolo! Este insigne filósofo hindu, patrono do Círculo Esotérico, empolgou a assembléia no Congresso das Religiões, reunido em Chicago, no ano de 1893, quando perante ela, exclamou: “Eu vi Deus e conheci a verdade”.

Quando ainda jovem, com aquele espírito irrequieto de universitário, trazia a mente cheia de dúvidas torturantes e, qual borboleta afanosa, procurava aqui e acolá o néctar da Verdade, para acalmar os tumultos que lhe iam n'alma e cujo denominador comum é esta interrogação milenar que desafia a mente humana através dos séculos: Existe um Deus?.

Procurando a solução desse insondável enigma, o jovem intelectual penetrou os emaranhados arabescos das filosofias e religiões do mundo, tendo alicerçado as suas incansáveis investigações na cultura ocidental em que também abeberou o seu anseio de conhecimentos.

Não obstante, continuou insatisfeito e enriqueceu o seu patrimônio intelectual com os inúmeros estudos e observações que realizou, sempre aguilhoado por aquele mistério inquietante, até que um dia teve a ventura de defrontar-se com um famoso filósofo, que lhe iluminou o espírito, levando-o à solução do Arcano, conforme teve oportunidade de declarar, mais tarde, como delegado ao Congresso das Religiões.

Fruto dos seus incessantes estudos é este trabalho que, com prazer, oferecemos ao leitor e que constitui uma verdadeira revelação do pensamento, da vida, dos estranhos costumes da Índia misteriosa, consubstanciados nas “Epopéias da Índia Antiga”, onde a fábula, aliada a uma filosofia profunda, surpreende-nos com as belezas incomparáveis de suas analogias e a doce singeleza de sua narração, que chega até nós como o diluído perfume dos seus templos longínquos...

“Quiséramos oferecer a Deus um ramo das mais formosas flores de todas as Religiões!” (Um dos ideais do Círculo Esotérico).

Este, um dos admiráveis trechos que o leitor terá o prazer de apreciar, dentre os muitos com que o autor nos brindou nesta obra que, sem exagero, podemos considerar como um admirável resumo da vida filosófica e religiosa da Índia antiga.

Quando Grécia e Roma ainda não haviam despontado na história, como partícipes dos povos cultos, à sombra do Himalaia floresciam brilhantes civilizações, que legaram aos pósteros os primeiros vestígios da filosofia e as primitivas tradições religiosas.

Mas, não antecipemos, a fim de não furtarmos ao leitor o ensejo de saborear o que se desenvolve através destas páginas, assegurando-lhe que delas colherá ótimos frutos, conhecendo os esplendores que se acham ocultos no Ramayana, no Mahabharata, no Bhagavad Gita...

Onde, porém ficamos extasiados ante o espírito sereno e elevado do autor, aliás tão seu característico, é no capítulo em que analisa a missão dos Grandes Instrutores: Krishna, Buda, Cristo, Ramakrishna, demonstrando que a missão desses Irmãos Maiores foi originária de uma única Ponte, da qual partiram como arroios de luz, para iluminar

determinada face do globo, a fim de reerguer o espírito humano, prestes a mergulhar nas trevas.

Se profunda foi a análise que fez de outros Instrutores, mais extensa e minuciosa foi a que versou sobre Ramakrishna, seu Mestre, com quem privou durante longos anos, tendo a Ventura de receber os mais altos ensinamentos, pessoalmente ministrados por esse grande pensador legando-nos, no presente trabalho, a singela beleza de sua vida e de sua filosofia.

É, pois, com profunda reverência que evocamos o nome do autor, neste prefácio, e com imenso prazer que entregamos ao caríssimo leitor estas páginas sadias, cômnicos de termos dado mais um passo na senda dos que escolheram a missão de servir.

O Râmâyana

I O Poeta

Entre os inúmeros poemas épicos ou epopéias que enriquecem a literatura sânscrita, sobressaem por seus méritos o Râmâyana e o Mahâbhârata, anteriores e superiores, em originalidade e beleza, à Ilíada e à Odisséia.

A língua sânscrita, com sua literatura, continua interessando aos orientalistas do Ocidente e aos eruditos do Oriente, embora há mais de dois mil anos não seja o sânscrito língua viva e não tenha perdido o seu caráter de sagrada.

O Râmâyana e o Mahâbhârata descrevem subalternamente os usos, costumes, crenças e cultura dos antigos monumentos da poesia sânscrita, embora anteriormente tenham sido escritos os Vedas, cuja maior parte está em forma métrica; todavia, na Índia o Râmâyana é considerado como a primeira e mais antiga produção poética.

O autor esclarece aos ocidentais o sentido das fábulas que apresenta, tendo tido a feliz cautela de estabelecer confronto entre a natureza do espírito oriental e a do ocidental.

O autor do Râmâyana foi Valmiki, sobre cuja vida teceram-se muitas conjeturas, do mesmo modo que a respeito de Homero e Shakespear no Ocidente, conquanto não caiba dúvida referente à autenticidade de sua existência. Se bem que muitos versos do poema não sejam seus, “mas interpolações, realçam entretanto a poética magnificência dessa obra sem par na literatura mundial.

Desse cometimento deflui a vantagem de ficarmos conhecendo o pensamento que norteia o povo hindu, principalmente sob o ponto de vista religioso:

“Nós, os hindus, como os cristãos, cremos em um Deus individual; nós, porém, vamos além e cremos para manter sua família, e que se tomara salteador de estradas, levado por aquele extremo desespero.

Havia na Índia um jovem casado que, apesar de possuir compleição robusta, não encontrava trabalho que somos Ele, isto é, que se manifesta em nós e que vivemos e estamos em Deus.

“Cremos que há um fundo de verdade em todas as religiões e a todas respeitamos. Porque a verdade neste mundo é encontrada por adição e não por subtração.

Atacava os viajantes, roubando-lhes tudo que levavam e com o fruto dos roubos mantinha seus velhos pais, sua mulher e filhos, sem que nenhum deles suspeitasse a sinistra procedência do dinheiro.

Assim levava a vida, quando certo dia passou pelo caminho em que estava um grande santo chamado Nârada, a quem o salteador deteve para roubar.

Porém Nârada perguntou-lhe:

- Por que queres roubar-me? Gravíssimo pecado é roubar e assassinar o próximo. Por que cometes tão grande pecado?.

O salteador respondeu:

- Peco porque preciso manter minha família com o dinheiro que roubo.

O santo replicou:

- Crês que tua família participa do teu pecado?.

- Sim certamente.

- Pois bem; prenda-me, ata-me os pés e as mãos e deixa-me aqui, enquanto vais à tua casa e perguntas a todos se querem participar do teu pecado, como participam do teu dinheiro.

O salteador concordou com a proposta, atou o santo foi à casa e perguntou a seu pai:

Sabes como te sustento?.

Não sei.

Sou um salteador de estradas, que roubo os viandantes e os mato se não se deixam roubar.

- Como fazes isto, meu filho? Afasta-te de mim! És um pária!.

O salteador perguntou depois à sua mãe:

- Sabes como te sustento?.

- Não sei.

- É com o produto dos meus roubos e assassinatos.

- Que coisa triste!.

- Queres compartilhar de meu pecado?.

- Por que haveria de fazê-lo? Nunca roubei a ninguém.

O salteador perguntou depois à sua esposa:

- Sabes como te mantenho?.

- Não sei.

- Pois sou um salteador, de estradas e quero saber se estás disposta a compartilhar do meu pecado.

- Absolutamente. És meu marido e tens o dever de manter-me honradamente.

Então o salteador percebeu a maldade de sua conduta, ao ver que seus mais íntimos parentes negavam-se resolutamente a compartilhar a responsabilidade de suas más ações e volvendo ao sítio em que havia deixado o santo Nârada, desamarrou-o, relatou-lhe tudo quanto até então havia feito e caindo de joelhos a seus pés, exclamou compungido:

Salva-me! Que devo fazer?.

O santo respondeu-lhe:

- Abandona para sempre este gênero de vida, pois já viste que nenhum dos teus aprova o que fazes e te desprezam ao saber quem és. Participam de tua prosperidade, porém, quando nada tiveres para dar-lhes, não de abandonar-te. Não querem compartilhar do teu mal, mas aproveitar-se dos teus bens. Portanto, adora Aquele que sempre está ao nosso lado, no mal e no bem; que nunca nos abandona porque o amor não conhece nem o engano, nem o egoísmo.

Depois Nârada ensinou-lhe a adorar a Deus; e aquele homem, renunciando por completo ao mundo, retirou-se para as selvas e entregou-se à meditação, esquecendo-se inteiramente de sua personalidade, de sorte que nem percebeu os formigueiros que surgiam em torno dele.

No fim de alguns anos ouviu uma voz que lhe dizia:

- Levanta-te, ó sábio!.

Ele, porém, respondeu:

Sábio? Sou um ladrão...

A voz replicou:

- Já não és salteador de estradas. És um sábio purificado. Esquece teu antigo nome. Agora, já que tua meditação foi tão profunda que nem notaste os formigueiros que se formavam ao teu redor, chamar-te-ás Valmiki, que significa: “O que nasceu entre os formigueiros.”

Aquele que outrora era salteador de estradas converteu-se em um sábio. Um dia, quando foi banhar-se no sagrado rio Ganges, viu um casal de pombos que cirandavam, beijando-se com carinho; Valmiki contemplava enternecido tão formoso espetáculo, quando de súbito silvou uma flecha ao seu ouvido, indo matar o pombo.

A pomba, ao ver seu companheiro caído sem vida, deu voltas ao redor do cadáver, com mostra de profundo pesar.

Valmiki revoltou-se e ao alongar a vista descobriu o caçador, a quem, possuído de nobre indignação apostrofou:

És um miserável sem noção de piedade. Nem o amor pôde deter tua mão assassina?

Porém, Valmiki refletiu:

Que é isto? Que estou dizendo? Nunca falei assim até agora!.

Então ouviu uma voz que disse:

Não temas, porque de teus lábios brota a poesia. Escreve a vida de Rama em linguagem poética, para benefício do mundo.

Assim começou a epopéia. O primeiro verso é uma torrente de piedade brotando do coração de Valmiki.

II O Argumento

Na província de Oudh, hoje unida administrativamente à de Agra, subsiste ainda, embora ruínas, a antiquíssima cidade de Ayodhya, outrora um dos mais poderosos centros religiosos da Índia e lugar de peregrinação.

Há muitos séculos, reinava em Ayodhya um rei chamado Dasaratha que, de nenhuma de suas três esposas, havia obtido sucessão; por isso, como bons hinduístas, foram em peregrinação a vários santuários e jejuaram em fervorosa súplica para que Deus lhes concedesse sucessão.

Finalmente seus rogos foram ouvidos e obtiveram resposta em quatro filhos, dos quais o maior foi Rama.

Como convinha à sua estirpe, os quatro irmãos receberam completa educação em todos os ramos do saber. Para evitar futuras contendas, era costume na antiga Índia associar o rei o seu filho maior ao governo do país, sob o título de Yuvaraja, que significa: “o rei jovem”.

Em outra cidade havia um rei chamado Janaka, o qual tinha unia afilhada maravilhosamente formosa, cujo nome era Sita e que fora encontrada recém-nascida em um campo, como se tivesse surgido do seio da terra.

Em sânscrito antigo, a palavra “Sita” significa “sulco feito pelo arado”, e na

mitologia Indiana vemos personagens que só têm pai ou mãe ou nascem sem pai nem mãe, do fogo do sacrifício, de um campo, como se caíssem das nuvens etc.

Todas essas classes de nascimentos são freqüentes na mitologia Indiana.

Sita, como filha da Terra, era pura e imaculada. O rei Janaka criou-a e desejou encontrar-lhe digno esposo, quando a mesma atingiu a idade núbil. Na antiga Índia costumavam as princesas reais escolherem marido. A esse costume deva-se o nome de Swayamvara; segundo esse costume, o pai da princesa convidava a todos os príncipes das redondezas para se apresentarem à corte, onde a princesa, ricamente vestida, grinalda nas mãos e precedida por um arauto que ia enumerando as prendas, passava diante deles e colocava a grinalda no pescoço daquele que a donzela havia escolhido para esposo.

Muitos eram os príncipes que suspiravam pela mão de Sita, a qual havia exigido, como prova de merecimento, que o candidato quebrasse com suas mãos um enorme arco chamado Haradhana.

Todos os príncipes fracassaram na tentativa, apesar dos seus esforços, menos Rama, que com elegância e facilidade apanhou o forte arco e com suas mãos quebrou-o pelo meio.

Por isso Sita elegeu a Rama por marido e as bodas foram celebradas com grande esplendor.

Rama levou sua esposa à corte de seu pai Dasaratha, o qual julgou oportuno o momento para nomear juvaraja o seu filho maior e confiar-lhe o governo do país.

Para esse fim Dasaratha preparou as cerimônias da proclamação e o povo acolheu entusiasticamente a notícia, quando uma donzela de Kalkeyi, a mais jovem das três esposas de Dasaratha, lembrou à sua senhora que, havia muito tempo, o rei seu esposo havia prometido duas coisas, em reconhecimento ao muito que a ele lhe fizera, dizendo-lhe:

- Pede duas coisas que eu possa dar-te e eu lhas darei.

A rainha Kaikeyi, na ocasião, nada pediu a seu marido e até já havia esquecido a promessa; porém a maliciosa donzela começou a aguilhoar a alma da rainha, fazendo-lhe ver a injustiça de colocar a Rama no trono, quando fazendo ao rei cumprir sua promessa, seu próprio filho poderia ocupar o trono; foi assim que a rainha Kaikeyi ficou louca de ciúmes.

A astuta donzela incitou então sua ama para que exigisse logo do rei a concessão das duas coisas prometidas, sendo uma delas a ocupação do trono pelo seu filho Bharata e a outra que fosse a condenação de Rama a catorze anos de desterro nos bosques.

Embora Rama fosse a alma e a vida para o rei Dasaratha, este, como rei, viu-se obrigado a não faltar à sua palavra, quando a rainha Kaikeyi exigiu dele o cumprimento de sua promessa; por isso não sabia o que fazer.

Rama, porém, dissipou a dúvida, oferecendo-se voluntariamente a renunciar ao trono e sair desterrado, a fim de que ninguém pudesse acusar sua mãe de falsidade.

Por isso, seguiu para o desterro, acompanhado de sua amorosa esposa Sita e de seu irmão predileto Lakshmana, que, de modo algum, quis separar-se dele. Os árias não sabiam quem eram os habitantes dos bosques e, por isso, naquele tempo os chamavam “monos” e aos mais robustos e corpulentos chamavam “demônios”.

Rama, Sita e Lakshmana foram cumprir seu desterro em um daqueles bosques, habitados por monos e demônios, como talvez denominavam os árias as tribos selvagens.

Quando Sita manifestou o desejo de acompanhar seu marido no desterro, Rama lhe disse:

- Como podes tu, unia princesa, enfrentar as torturas que me aguardam em um bosque cheio de perigos traiçoeiros?.

Sita, porém, respondeu:

- Onde Rama for, Sita irá também. Como podes falar-me de origens reais ou de altas linhagens? Irei contigo!.

Rama foi acompanhado de Sita e do jovem Lakshmana, irmão menor de Rama. Internaram-se no bosque, até que alcançaram as margens do rio Godavari, onde construíram uma choças e passaram a sustentar-se de frutos silvestres.

Havia já passado algum tempo que ali estavam, quando, um belo dia, surgiu uma gigantesca demonia, irmã do gigante rei Lanka (Ceilão).

Vagando pelos bosques, encontrou-se com Rama e, ao vê-lo tão varonilmente formoso, apaixonou-se loucamente por ele. Rama, porém, além de casado, era um varão castíssimo e não quis corresponder ao amor da intrusa. Esta, para vingar-se, procurou seu irmão, a quem descreveu com ênfase a dominadora beleza de Sita, esposa de Rama, dizendo-lhe que dela se apoderasse.

Rama superava em poder todos os mortais e não havia gigante nem demônio, nem mortal algum que fosse capaz de vencê-lo. Por isso o rei gigante de Lanka buscou na astúcia aquilo que considerou impossível conseguir pela força.

Dês-se modo, às artes de outro gigante, que era mago, o qual transformou-o em formoso cervo de Pêlo dourado. Assim metamorfoseado, este foi ao bosque onde Rama vivia e começou a saltar ao redor da cabana, até que, fascinada pela extraordinária beleza do animal, Sita pediu a Rama que o capturasse para ela. Indo à caça do animal, Rama deixou Sita sob os cuidados do seu irmão – Lakshmana; este, porém, acendeu um círculo de fogo ao redor da cabana e disse à irmã:

“Pressinto que te vai acontecer algo de mau; Portanto, peço-te que não transponhas o círculo mágico, do contrário, cairás no infortúnio.

Entretanto, Rama havia ferido o cervo com uma flecha, tendo o animal morrido e se transformado em figura de homem. No mesmo instante, ouviu-se na cabana a voz de Rama que gritava:

- Ó Lakshmana, vem socorrer-me.

Sita exclamou:

- Corre a ajudá-lo, ó Lakshmana.

Lakshmana replicou.

- Esta voz não é de Rama!.

Entretanto, Sita de tal modo insistiu que Lakshmana saiu a procurar Rama. Assim que ele se distanciou, apresentou-se junto ao círculo mágico, em frente à porta da cabana o rei gigante, disfarçado em monge mendicante, pedindo esmola.

Sita respondeu-lhe:

- Aguarda um pouco, pois logo meu marido voltará e te dará muita esmola.

O falso mendigo replicou:

- Não posso esperar, bondosa senhora, pois estou esfomeado. Dá-me o que tiveres.

Sita lançou mão de algumas frutas para atirá-las ao mendigo, mas este persuadiu-a a entregá-las pessoalmente, pois nada havia a temer de um santo varão.

Logo que Sita transpôs o círculo mágico para dar as frutas ao mendigo, este assumiu imediatamente sua fôrma gigantesca e arrebatou-a, colocando-a num carro encantado, que

partiu velozmente com sua cobiçada presa.

A infeliz, desfeita em pranto, não teve quem a protegesse naquela solidão; lembrou-se porém, de assinalar o caminho percorrido com os adornos que trazia nos braços.

O rei gigante, raptor de Sita, chamava-se Râvana e levou-a a Lanka, seu reino, hoje denominado Ilha de Ceilão.

Chegado à corte, Râvana propôs a Sita que consentisse em ser sua esposa e rainha do país, ela, porém, que era a castidade personificada, não quis nem sequer ouvir as palavras de Râvana, que, para castigá-la, obrigou-a a permanecer dia e noite sob uma árvore, até que mudasse de atitude.

Quando Rama e Lakshmana voltaram à cabana, não teve limites o desconsolo de ambos, quando notaram o desaparecimento de Sita, pois não podiam imaginar o que havia acontecido a ela. Saíram, pois, em busca da moça e explorando o bosque inteiro dela não acharam vestígios.

Já estavam cansados, quando encontraram um grupo de monos, chefiados por Hanumân, o “mono divino”, o melhor dos monos o qual, solícitamente, pôs-se a serviço de Rama. Inteirado do caso, disse-lhe que haviam visto atravessar os ares um carro em que ia sentado um demônio, ao lado de uma formosíssima mulher, toda em prantos, a qual ao voar o carro sobre eles, havia atirado um bracelete para chamar-lhes a atenção.

Quando lhe apresentaram o bracelete, Lakshmana não o reconheceu, porque na antiga Índia, a esposa do irmão mais velho era tão reverenciada pelos seus cunhados, que Lakshmana nunca se havia atrevido a pousar o olhar nos braços de Sita, Rama, porém, reconheceu imediatamente o bracelete de sua esposa. Os monos então, disseram a Rama quem era e onde vivia aquele rei gigante. Isto feito, todos partiram para perseguir-lo.

O rei dos monos chamava-se Bâli, porém, o trono lhe havia sido usurpado por seu irmão menor Sugriva. Houve luta, e Rama ajudou Bâli a recobrar a coroa. Este, agradecido, prometeu auxiliar Rama a libertar Sita. Entretanto, percorreram todo país sem encontrá-la.

Finalmente, o mono divino saltou das costas da Índia às do Ceilão, procurando Sita pela ilha inteira, sem lograr encontrá-la. Râvana havia vencido os deuses, os homens, o mundo inteiro e raptara todas as mulheres formosas. Por isso Hanumân refletiu e disse:

- Sita não pode estar com as concubinas no palácio. Teria preferido a morte à desonra.

Por essa razão, prosseguiu em suas pesquisas, encontrando, finalmente, Sita sob a árvore onde Râvana a aprisionara.

Estava pálida e delgada como a lua nova ao horizonte. Hanumân assumiu então a transpor o figura de um pequeno mono e, escondido na ramagem da árvore viu como a irmã gigante de Ravana vinha atemorizar Sita para forçá-la a submeter-se; a casta esposa, porém, nem queria ouvir falar do rei gigante.

Quando a irmão de Râvana partiu, Hanumân aproximou-se de Sita mostrando-lhe o bracelete que Rama lhe havia dado para atestar sua identidade, relatando-lhe como seu marido o havia incumbido de procurá-la; que seu marido, logo que soubesse onde ela estava, viria com um poderoso exército para vencer o gigante e libertá-la. Acrescentou, entretanto, que, se ela quisesse, poderia tomá-la nos braços e com um salto atravessar o oceano e devolvê-la a Rama; porém, como Sita era a castidade em pessoa, recusou aquela insinuação, porque deliberadamente não admitia ao seu lado outro homem senão seu marido. Assim, permaneceu onde estava e deu a Hanumân uma jóia desprendida de seus

cabelos, para que a entregasse a Rama. O mono divino despediu-se dela e voltou para seu país.

Inteirado do que havia sucedido a Sita, segundo o relato de Hanumân, Rama reuniu um exército de monos, chegando ao ponto mais meridional da ilha, onde construíram uma ponte chamada Setu-Bandha, entre a Índia e o Ceilão. Atualmente, com a maré baixa é possível passar a pé enxuto de um ponto a outro.

Para construir a ponte, os monos arrancaram radicalmente várias colinas, assentaram-nas no mar e cobriram-nas com pedras e troncos de árvores. Um esquilo revolia-se na areia para encher com ela o corpo e depois, ao passar no trecho da ponte em construção, sacudia-se todo para espalhar a areia, contribuindo assim com muitos grãos para o levantamento da obra colossal, dirigida e projetada por Rama.

Os monos riam e zombavam do esquilo ao vê-lo espadanar-se na areia e sacudi-la depois na ponte, pois seu trabalho era insignificante, comparado ao deles que carregavam colinas inteiras, enormes bosques e grandes cargas de areia.

Rama, porém, disse-lhes:

- Bem-aventurado é este esquilo, porque faz seu trabalho com toda a habilidade de que é capaz e, portanto, é tão grande como o maior de vós.

Em seguida, acariciou suavemente as costas do esquilo e é por isso que se vê até hoje nas costas desse animal a marca longitudinal dos dedos de Rama.

Terminada a ponte, o exército de monos, sob o comando de Rama e Lakshmana, invadiu a ilha do Ceilão. Durante alguns meses guerrearam encarniçadamente contra as hostes de Râvana que, finalmente, foi vencido e morto. Os vencedores se apoderaram de todos os seus palácios, que eram de ouro maciço. Rama cedeu-os a Vibhishana, irmão menor de Râvana e levou-o ao trono, como recompensa dos valiosos serviços que havia prestado durante a guerra.

Rama e Sita resolveram sair de Ceilão com seu séquito e regressar à Índia; o povo porém, quis que Sita demonstrasse haver permanecido pura, enquanto esteve em poder de Râvana.

Rama, respondeu-lhes:

- Que prova ou testemunho quereis, se minha esposa é a castidade personificada?

- Não importa! Queremos a prova.

Assim, acenderam uma fogueira sacrificial, cujas chamas não queimariam a Sita, se houvesse permanecido pura e ali a arrojaram.

Rama ficou angustiado, temendo pela vida de Sita, porém, no mesmo instante, surgiu o deus do fogo, trazendo em sua cabeça um trono, no qual a jovem estava assentada.

Todos ficaram satisfeitos pelo feliz resultado da prova.

Regressando ao bosque, Rama recebeu a visita de seu irmão Bharata, que o notificou da morte do velho rei Dasaratha, dizendo-lhe que não se atrevera a ocupar um trono ao qual não tinha direito e, portanto, como sinal de respeito, nele havia colocado os sapatos de Rama.

Este, então, voltou à capital e com o beneplácito do povo foi aclamado rei de Ayodhya, tendo prestado os juramentos de estilo que, nos tempos antigos faziam os reis em benefício do seu povo, pois o rei era escravo do povo e devia inclinar-se ante a opinião pública.

Depois que Rama passou alguns anos na feliz companhia de Sita, alguns começaram

a espalhar a notícia de que a rainha havia sido outrora raptada por um demônio, que a levou além do oceano. O povo não se conformou com a prova do fogo e exigiu outra mais convincente, sob pena de ser a rainha desterrada.

Para satisfazer os pedidos do povo, Rama desterrou sua esposa, que foi viver no mesmo bosque em que estava a ermida do sábio e poeta Valmiki. Este encontrando a infeliz Sita chorosa e abatida, ficou sabendo o que havia ocorrido e abrigou-a em sua ermida, onde a rainha, pouco tempo depois, deu à luz dois gêmeos.

Com o passar do tempo, o rei Rama teve de celebrar um solene sacrifício, segundo os costumes reais; porém, como na Índia não permitem os Shastras que um homem casado celebre uma cerimônia religiosa, sem a companhia da esposa, de sua sahadharmini ou correligionária e Sita estava no desterro, o povo pediu a Rama que se casasse novamente. Ele, porém, pela primeira vez em sua vida, opôs-se à vontade do povo e disse: Isto não pode ser. Sita é minha vida!

Em vista disso, para que a cerimônia fosse realizada, o rei mandou construir uma áurea estátua de Sita e ordenou que se ornamentasse um palco no lugar do sacrifício, para intensificar o sentimento religioso, por meio de uma representação dramática.

Por esse tempo, os gêmeos de Sita, chamados Lava e Kusha, eram dois garbosos mancebos que Valmiki havia educado na vida de bramacharin (Noviço que faz voto de castidade, pobreza e obediência nos mosteiros hindis), sem revelar-lhes sua origem.

Durante aquele longo período, Valmiki havia composto a epopéia da vida de Rama, acompanhada de música apropriada para ser cantada em rapsódias. Sabedor do festival que ia realizar-se em Ayodhya, dirigiu-se à cidade com os desconhecidos filhos de Rama e Sita, os quais, sob a direção de seu mestre, cantaram no palco a vida de Rama, com tão surpreendente habilidade que fascinaram os espectadores, presididos pelo rei, seus irmãos e os magnatas da corte.

Quando os cantores chegaram à passagem em que o poema descreveu o desterro de Sita, Rama ficou profundamente comovido. Valmiki, porém, disse-lhe:

Não te aflijas porque verás tua esposa.

Sita, então, surgiu no cenário, enchendo de alegria o coração de seu fiel e amoroso Rama.

O povo, porém, exigiu em altas vozes:

A prova! A prova!.

Tão profundamente abalada ficou Sita por aquele reiterado receio do povo, a respeito de sua reputação, que implorou aos deuses um incontestável testemunho de sua inocência.

Naquele momento, a terra abriu-se e Sita desapareceu em seu seio, exclamando:

Eis a prova!.

Ante tão trágico desfecho, o povo arrependeu-se. Rama estava inconsolável, curtindo imensa dor, quando, poucos dias depois, chegou um mensageiro dos deuses para dizer-lhes que estava terminada sua missão na terra e deveria voltar ao céu.

Aquela mensagem levou Rama ao reconhecimento do seu verdadeiro ser. Então, atirando-se às águas do rio Savayu (atualmente Gogra) que banhava a Capital, reuniu-se com sua amada Sita no outro mundo.

III Simbolismo

Rama e Sita são os ideais da nação ária. Rama é considerado como a encarnação da Divindade e Sita como símbolo da castidade conjugal.

Todas as donzelas adoram-na com profunda devoção e o supremo anelo de toda mulher é seguir o exemplo de Sita, a pura, a abnegada, a paciente.

Os monos não são, como muitos orientalistas imaginam, os quadrúmanos classificados pelos naturalistas; era o apelativo dado naquele tempo pelos árias às tribos aborígenes da Índia. De igual modo, os demônios não são os espíritos malignos conhecidos no Ocidente; eram os reinantes ou caciques das tribos ou os reis dos países estranhos. Como se vê, uns e outros eram seres humanos.

Estudando-se o caráter dos protagonistas do Ramayana, verifica-se quão distinto é do Ocidente o ideal ético e como é diverso em aparência o pensamento religioso da Índia.

O Ocidente diz: “Manifestai vosso poder nas obras.”

A Índia preceitua. “Manifestai vosso poder no sofrimento.”

Para a Índia, Sita é o ideal do sofrimento.

O Ocidente resolveu o problema do muito que pode fazer o homem.

São dois extremos.

Sita é o símbolo da Índia; a Índia idealizada. Não importa saber se Sita foi uma personagem real, se a epopéia é ou não histórica; o que importa é o ideal encarnado em Sita.

Nenhum poema sagrado descreveu tão perfeitamente a índole da raça ária nem penetrou tão profundamente na vida hindu. Nada fervilha tanto no sangue da nação como o ideal simbolizado por Sita, cujo nome equivale na Índia a tudo que é bom, puro e santo, como atributo de uma nobre feminilidade. Um brâmane, ao abençoar uma mulher diz: Sê igual a Sita.

Aconselha também as meninas a imitarem esse ideal. Meninas e mulheres são filhas de Sita, a paciente, a abnegada, a fidelíssima, a sempre casta esposa. Atormentada por todas as amarguras, não deixa escapar de seus lábios nem uma queixa, nem um lamento contra Rama. Considera o sofrimento como um dever e o cumpre resignadamente. Jamais se revolta e, embora aflita e lacrimosa, sobreleva a terrível injustiça do seu desterro. É o ideal da Índia.

Disse Buda:

“Quando alguém vos ofende e, por vingança o castigais, nem por isso remediais o primeiro dano senão que agravais ainda mais a maldade do mundo.”

Sita era hindu por natureza. Nunca pagou o mal com o mal.

Quem acertará em dizer se é mais nobre ideal a força aparente e o poderio material dos ocidentais ou o ânimo e a paciência dos orientais no sofrimento?.

O Ocidente diz: “Nós aliviámos o mal, vencendo-o”.

Responde a Índia: Nós destruimos o mal pelo próprio sofrimento, até que se converte em gozo.

Ambos os ideais são nobres; porém, quem sabe qual dos dois prevalecerá no futuro? Quem sabe qual das atitudes será mais benéfica para a humanidade, qual das duas

vencerá e desarmará a animalidade? Será o combate ou o sofrimento?.

Entretanto, não desprezemos nem um nem outro ideal, porque ambos visam o mesmo objetivo: extirpar o mal.

Que o Ocidente siga seu método e o Oriente siga o seu. De modo nenhum aconselharei que o Ocidente se porte como a Índia. O objetivo é o mesmo, embora os meios sejam diferentes.

O Mahabharata

I Origens

A epopéia intitulada Mahâbhârata contém a história de uma raça descendente do rei Bharata, filho de Dushyanta e Sakuntala.

A palavra sânscrita maha significa “grande” e bharata equivale a “descendentes de Bharata”. Daí tomou a Índia o nome de Bharata, donde Mahabharata significar literalmente: Grande Índia ou História dos Grandes Descendentes de Bharata.

O cenário dessa epopéia é o antigo reino dos Kurus, de curta extensão e o tema é a luta de duas famílias parentes e rivais: a dos Kuranas e a dos Pândavás, que disputavam o domínio da Índia.

O Mahâbhârata é a epopéia mais popular na Índia e goza de análoga autoridade como a que envolveu os poemas homéricos na antiga Grécia.

Com o tempo, acrescentaram-se muitos versos à primitiva composição, até formar um volumoso livro de uns cem mil dísticos, com narrações, lendas, mitos, trechos históricos e ensinamentos filosóficos que envol em acessoriamente o tema principal.

Para melhor compreender-se o argumento que mais adiante esboçaremos, convém frisar que os árias não foram os primeiros povoadores do território hoje conhecido como pelo nome geográfico de Índia, mas sim invasores, cujas tribos numerosas, chegando periodicamente a pouco e pouco, estenderam seu domínio até governar a população aborígine com incontestável poder.

Dois ramos de uma só família, os já citados Kuravas e Pândavas se desavieram por ambicionar a hegemonia da Índia e a sucessão ao trono de Hastinapura.

A guerra entre as duas famílias é o tema principal da epopéia que se desenvolve, de acordo com o que sucintamente vimos expor.

II O Argumento

O rei de Hastinapura teve dois filhos: o maior chamado Dhritarâshtra, que era cego de nascimento e o outro chamado Pându.

Segundo as leis da Índia, ficava excluído da sucessão à coroa, em benefício de seu irmão menor, todo príncipe cego, aleijado, mudo, gago, surdo ou de complexão franzina e enfermiosa, que o impedisse de exercer a régia autoridade, embora ficasse com direito a um amparo vitalício.

Em virtude da morte do pai, ocupou o trono o irmão menor Pându.

A cegueira não constituiu obstáculo ao casamento de Dhritarâshtra, o qual teve cem filhos, ao passo que Pându só teve cinco.

Pându morreu em plena maturidade, e como não avia outro herdeiro direto seno

Dhritarâshtra, este ocupou o trono dos Kurus, apesar de sua cegueira, e educou os cinco filhos de Pându juntamente com seus cem filhos.

Quando os príncipes atingiram certa idade, o rei colocou-os sob os cuidados de um sacerdote guerreiro, chamado Drona, que os educou na arte militar e em todas as ciências necessárias aos príncipes.

Terminada a educação, Dhritarâshtra colocou no trono de seu pai Yudhishtira filho maior de Pându; porém as austeras virtudes de Yudhishtira, o valor e a devoção de seus outros quatro irmãos, despertaram a inveja no coração dos filhos do rei cego. Instigados por Duryodhana, o mais velho de todos, persuadiram aos cinco irmãos Pândavas que fossem a Vâranâvata, sob pretexto de um festival religioso que ali se celebrava.

Duryodhana havia mandado construir um palácio feito de cânhamo, resina, laca e outras matérias inflamáveis, onde os acomodou o astuto príncipe com intento de atear fogo ao mesmo.

Aconteceu, porém, que o bondoso Vidura, cunhado de Duryodhana e seu bando, avisou os Pandavas, que puderam escapar sem que ninguém notasse.

Quando os Kurus viram o palácio reduzido a cinzas, lançam um suspiro de satisfação, certos de que já não encontravam obstáculos em seu caminho e se apoderaram do reino.

Ora, os cinco irmãos Pândavas refugiaram-se no bosque, com sua mãe Kunti e disfarçados depois em estudantes brâmanes, viviam de esmolas pelos arredores; embora sofressem muitos dissabores, sua energia mental e ânimo valoroso venceram totalmente todos os perigos. Assim prosseguiram as coisas, quando um dia, tiveram notícia do próximo noivado da princesa de um país vizinho.

Como era de costume em tais casos, grande número de príncipes e nobres se havia reunido, para que a princesa escolhesse aquele que mais fosse de seu agrado.

A princesa que ia casar-se, chamava-se Draupadi e era filha de Drupada, o poderoso rei dos Panchalas. A moça era de peregrina beleza e de relevantes dotes. Sempre que se celebrava um svayamvara, ou escolha de noivo, os pretendentes disputavam algum exercício de habilidade e destreza.

Naquela ocasião, haviam colocado um alvo em fôrma de peixe, a grande altura, debaixo do qual girava continuamente uma roda com um furo no centro. Para maior dificuldade dos contendores, colocaram debaixo da roda uma tina cheia de água, na qual se refletia todo o artefato.

A prova consistia em mirar a imagem do peixe refletida na tina e disparar a flecha, de modo que essa atravessasse o furo da roda e atingisse o olho do peixe, que servia de alvo. Quem acertasse casaria com a princesa.

Ao local acorreram reis e príncipes de diferentes regiões da Índia, ansiosos por conquistar a mão de Draupadi. Entretanto, todos eles puseram em prática sua habilidade, sem que nenhum acertasse no alvo.

Então, o filho do rei Drupada levantou-se no meio do concurso e exclamou:

- A casta dos kshatriyas fracassou na prova, portanto, ficam admitidos a ela os pretendentes das demais castas e embora seja um sudra, se acertar, casai-se-á com Draupadi”.

Entre os brâmanes estavam os cinco irmãos Pândavas e Arjuna o terceiro deles era habilíssimo no manejo do arco. Por isso levantou-se para tomar parte na prova.

Convém advertir que os brâmanes são pessoas pacíficas e tímidas. Segundo a lei, não devem tocar em nenhuma arma de guerra, nem brandir a espada e jamais cometer qualquer empresa perigosa, pois sua vida deve ser de contemplação, estudo e domínio de sua natureza interna.

Por essa razão, quando os brâmanes que presenciaram o torneio viram que Arjuna se levantou para empunhar o arco, temeram que contra eles despertasse a ira dos kshatriyas e os matassem, sem discernir os culpados e os inocentes.

Dominados por esse temor, pediram a Arjuna que desistisse do concurso: porém, como o valoroso pândava, segundo vimos, era um kshatriya disfarçado em brâmane, não ligou-lhes importância e empunhando o arco disparou a flecha com tal acerto que atingiu o alvo.

A assistência prorrompeu em frenéticos aplausos e a princesa Draupadi cingiu a frente de Arjuna com a grinalda tradicional.

No mesmo instante, ergueu-se grande clamor entre os príncipes, pois não podiam tolerar que um pobre brâmane se cassasse com uma princesa kshatriya e prevalecesse contra a assembléia de reis e príncipes.

Então, resolveram lutar com Arjuna para arrebatá-lo à força a sua noiva. Iniciou-se o combate, mas os cinco irmãos mantiveram a distância os guerreiros e depois de vencê-los em combates singulares, levaram triunfalmente a princesa.

Como os cinco irmãos, disfarçados em brâmanes, viviam de esmolas que recolhiam na comarca, esmolas essas que eram distribuídas por Kunti, quando chegaram naquele dia à cabana em que moravam, exclamaram alegremente antes de entrar:

- Mãe! Hoje trazemos uma esmola verdadeiramente valiosa.

Kunti, sem reparar no que podia ser, respondeu lá de dentro:

- Como bons irmãos que sois, deveis reparti-la entre vós igualmente.

Porém, ao sair e ao ver Draupadi exclamou assombrada:

- Oh! Que disse eu? É uma mulher!.

Porém já não havia remédio, porque uma mãe não tem duas palavras e aquilo que diz uma vez há de ser cumprido.

Por isso, Draupadi foi a esposa comum dos cinco Pândavas.

É sabido que todo povo passa em seu desenvolvimento por sucessivos graus de civilização. Na passagem da epopéia que acabamos de citar, apresenta-nos o autor cinco irmãos que possuem uma mesma esposa e embora dê por desculpa a ordem sagrada de sua mãe, seu intento foi sem dúvida oferecer um vislumbre do antiquíssimo estado social em que a poliandria era legítima, embora contraída entre os irmãos de uma só família.

O irmão de Draupadi ficou algum tanto pensativo depois da partida de sua irmã e cogitava: “Que gente é essa? Quem é esse homem com quem casou-se minha irmã? Não tem cavalos, arreios, nada! Caminham a pé...”

Por isso, acompanhando-os de longe, chegou junto à cabana e protegido pela escuridão, ouviu o que conversavam, deduzindo que eram realmente kshatriyas. Comunicou a nova a seu pai, o rei Drupada, que ficou satisfeitiíssimo. Entretanto, para sua maior tranqüilidade consultou Vyasa sobre se era lícito ou não o matrimônio de uma mulher com cinco irmãos (A alma ligada aos cinco sentidos). O sábio respondeu que não havia inconveniente por tratar-se daqueles príncipes. Por isso, Draupadi foi a esposa legítima dos cinco Pândavas, que viveram em paz e prosperidade, tornando-se cada dia mais poderosos.

Embora Duryodhana e seu bando tramassem novas maquinações contra seus parentes todas fracassaram, tendo os anciãos do reino aconselhado ao rei Dhritarashtra que firmasse a paz com os Pândavas.

O rei aceitou o conselho, tendo convidado os Pândavas para voltarem à corte, dando-lhes a metade do reino. O povo alegrou-se muito pelo restabelecimento da paz. Então os cinco irmãos edificaram para sua residência uma formosa cidade a que deram o nome de Indraprastha, estendendo o seu domínio por toda a comarca.

Ao ver-se tão poderoso, Yudhishthira, pândava maior, quis erigir-se imperador de todos os reis da antiga Índia. Para tal fim decidiu celebrar um Yajna Rayasuya, ou Sacrifício Imperial, com a assistência de todos os régulos que havia vencido, para prestarem juramento de fidelidade, pagarem tributo e ajudarem pessoalmente as cerimônias do Sacrifício.

Sri Krishna, parente e amigo dos Pândavas, aprovou a idéia mas encontrava certa dificuldade porque um rei vizinho, chamado Jarasandha, projetava também celebrar um sacrifício com cem régulos e já tinha oitenta e seis cativos em seu poder.

Krishna aconselhou um ataque contra Jarasandha a quem ofereceram combate singular. Aceito o repto, Jarasandha foi vencido por Bhishma, depois de catorze dias de luta contínua, tendo os régulos cativos recuperado a liberdade. Depois disso, os quatro irmãos menores saíram à frente de seus respectivos exércitos, em diversas direções e subjugaron todos os régulos das redondezas.

Ao regressar da expedição conquistadora, depuseram os troféus de guerra aos pés do irmão mais velho, para sufragar os gastos do sacrifício, celebrado com invejável pompa, onde prestaram homenagem a Yudhishthira os régulos libertados e os vencidos pelos quatro irmãos. Também estiveram presentes, na qualidade de convidados, o rei Dhritarashtra com seus filhos, os quais participaram das cerimônias.

Terminado o sacrifício, efetuou-se a coroação de Yudhishthira como imperador e senhor supremo.

Duryodhana encheu-se de inveja e tornou-se inimigo de Yudhishthira, cujo esplendoroso poderio não podia suportar. Como sabia que pela força era impossível derrotá-lo, urdiu uma traição com o propósito de levá-lo à perdição.

O rei Yudhishthira era apaixonado pelos jogos de azar. Duryodhana, aproveitando-se dessa fraqueza de seu primo, combinou com um jogador profissional chamado Sakuni, que retivesse por longo tempo Yudhishthira numa partida de dados.

Na antiga Índia, se um Kshatriya ou guerreiro era desafiado ao combate, devia aceitar o repto a todo custo, sob pena de ver menoscabada sua honra; o mesmo sucedia se fosse desafiado a jogar dados.

Embora Yudhishthira fosse a encarnação de todas as virtudes, como rei, não podia deixar de, aceitar o repto de Sakuni. Este havia trazido, de propósito, uns dados falsos, de modo que o rei foi perdendo partidas e mais partidas, até que aguilhoada pela ânsia da desforra apostou sucessivamente tudo que possuía inclusive ser reino, seus irmãos e até a formosa Draupadi.

Os cinco Pândavas caíram em poder dos Kuravas, que os humilharam sem piedade, infligindo a Draupadi os tratos mais desumanos.

Finalmente, pela intervenção do rei cego Dhritarashtra, recobram a liberdade sendo-lhes concedido permissão para apossar-se de seu reino; antes, porém, de cumprido o

decreto, Duryodhana, ao ver o perigo, forçou seu pai a que confiasse a decisão final em uma partida de dados, entre os Pândavas e os Kuravas, de sorte que o grupo que perdesse ficaria desterrado durante doze anos, no fim dos quais viveria incógnito em uma cidade, no ano seguinte. Porém, se quebrassem o desterro, sofreriam por mais doze anos, no fim dos quais poderiam recuperar o reino.

Como era previsto, pois os dados de Sakuni eram falsos e ele era muito hábil em prestidigitação, Yudhishthira perdeu também a partida final. Os cinco Pândavas saíram do reino e se retiraram para os bosques e montanhas, onde estiveram durante doze anos, durante os quais realizaram muitas ações de virtude e valor, fazendo às vezes longas peregrinações a sítios sagrados.

Muitos yogis foram visitá-los em seu desterro, contando-lhes interessantes episódios da antiga história da Índia, entre os quais a que transcrevemos a seguir.

III História de Savitri

Havia outrora um rei chamado Asvapati, que tinha uma filha tão formosa e meiga que lhe deram o nome de É Savitri, o de uma sagrada oração dos hindus.

Quando a moça chegou à idade núbil, seu pai mandou que escolhesse marido, de acordo com sua vontade, pois na antiga Índia não se conhecia nem por sombra o que hoje se chama razão de Estado nas monarquias, sendo as princesas reais donas absolutas dos seus sentimentos amorosos.

Savitri aceitou o conselho de seu pai. A carruagem real, acompanhada de brilhante escolta e antigos potentados que dela cuidaram, visitou varias cortes vizinhas e outros reinos distantes, sem que nenhum príncipe conseguisse sensibilizar seu coração.

Aconteceu que a comitiva passou por uma ermida localizada em um daqueles bosques da índia antiga, em que a caça era proibida, de sorte que os animais que ali habitavam haviam perdido todo temor ao homem e até os peixes dos lagos apanhavam com a boca as migalhas de pão que se lhes davam com as mãos.

Havia milhares de anos que não se matava nenhum ser naquele bosque; os sábios e os anciãos desgostados do mundo retiravam-se para lá a fim de viverem em companhia dos cervos, das aves, entregando-se à meditação e a exercícios espirituais pelo resto da vida.

Sucedeu que um rei, chamado Dyumatsena, já velho e cego, vencido e destronado por seus inimigos, refugiou-se no bosque fechado com sua esposa, a rainha, os seus filhos dos quais o mais velho se chamava Satvavân, e ali passava asceticamente a vida, em rigorosa penitência.

Na antiga índia, era costume que todo rei ou príncipe, por mais poderoso que fosse, ao passar pela ermida de um varão sábio e santo, retirado do mundo, se detivesse para tributar-lhe homenagem; tal era o respeito e a veneração que os reis prestavam aos yogis e aos rishis.

O mais poderoso monarca da índia sentia-se honrado quando podia demonstrar sua descendência de algum yogi ou rishi que tivesse vivido no bosque, alimentando-se de frutas, raízes e coberto de andrajos.

Assim é que quando se aproximavam a cavalo de alguma ermida, apeavam-se muito

antes de chegar a ela e andavam a pé até o local onde estava o eremita. Se iam de carro e armados, também desciam, despojavam-se de seus arreios militares e depois entravam na ermida, pois era costume que ninguém entrasse naqueles sagrados retiros ou ashram, como eram chamados, com armamentos militares, mas sim com atitude serena, pacífica, humilde.

Fiel ao costume, Savitri penetrou na ermida do bosque sagrado e, ao ver Satyavân, filho do destronado rei eremita, ficou profundamente apaixonada por ele. Ela já havia desprezado os príncipes de todas as cortes e unicamente o filho do destronado Dyumatsena lhe havia roubado o coração.

Quando a comitiva regressou à corte, o rei Asvapati perguntou à filha:

- Diz-me, Savitri, querida filha, vistes alguém digno de ser teu esposo?.

- Si m, pai querido, - respondeu Savitri ruborizada.

- Qual o nome do príncipe?.

- Já não é príncipe, meu pai, por que é filho do rei Dyumatsena, que perdeu o reino. Não tem patrimônio e vive como um sannyasi no bosque, colhendo ervas e raízes para alimentar-se e manter seus velhos pais, corri quem mora em uma cabana.

Ao ouvir isto dos lábios de sua filha, o rei Asvapati consultou o sábio Nârada, que se achava presente.

Este declarou que aquela escolha era o mais funesto presságio que a princesa havia feito.

O rei pediu então a Nârada que explicasse os motivos de sua declaração e ele respondeu:

- Aqui a um ano esse jovem morrerá.

Aterrorizado por esse vaticínio, disse o pai à filha:

- Pensa, Savitri, quê o jovem que escolheste morrerá dentro de um ano e ficarás viúva. Desiste da escolha”, filha minha, e não te cases com um jovem de tão curta Vida.

Savitri, porém, respondeu:

- Não importa, meu pai. Não me peças que me case com outro e sacrifique a castidade de minha mente, porque em meu pensamento e em meu coração amo ao valente e virtuoso Satyavân e o escolhi para esposo. Uma donzela escolhe uma só vez e jamais quebra sua fidelidade.

Ao vê-la tão decidida, resignou-se o pai à vontade de Savitri, que, em conseqüência, casou-se com o príncipe Satyavân e tranqüilamente deixou o palácio de seu pai para viver na cabana do bosque, com o eleito de seu coração, ajudando-o a sustentar seus velhos pais.

Embora Savitri soubesse quando seu marido ia morrer, guardou a respeito rigoroso segredo.

Diariamente Satyavân se Internava no bosque para colher frutas, flores e reunir feixes de lenha, volvendo com a carga para a cabana, onde sua esposa preparava a refeição.

Assim passou o tempo, até que três dias antes da data fatal, resolveu a moça passar três dias e três noites em completo jejum e fervorosas orações, sem deixar transparecer sua angustia e ocultando suas lágrimas.

Finalmente amanheceu o dia marcado no presságio e não querendo Savitri perder de vista, nem por um momento, a seu marido, solicitou e obteve dos pais do mesmo permissão para acompanhá-lo, quando fosse à colheita diária de ervas, raízes e frutas silvestres no interior do bosque. Assim foi feito.

Estavam em pleno bosque, quando com voz enfraquecida Satyavân queixou-se à

esposa, dizendo:

Querida Savitri, sinto-me aturdido, meus sentidos se esvaem e o sono me invade. Deixa-me repousar um pouco ao teu lado.

Trêmula e assustada, Savitri replicou:

- Vem, meu amado e reclin a cabeça em meu colo.

Satyavân reclinou a cabeça ardente no colo de sua esposa e instantes depois exalou o último suspiro.

Abraçada ao cadáver de seu marido, desfeita em lágrimas, permaneceu a infeliz naquela solidão, sentida no chão, até que chegaram os emissários da Morte para levar a alma de Satyavân.

Nenhum deles, porém, pôde acercar-se do local em que estava Savitri com o cadáver de Satyavân, porque ardia num círculo de fogo que rodeava a união formada pela vivente e o morto.

Por isso os emissários voltaram ao rei Yama, o deus da Morte e explicaram-lhe porque não puderam levar a alma de Satyavân.

Yama, o deus da Morte, o juiz dos mortos, ocupava posição tão divina por ser o primeiro homem que havia morrido na terra e decidia se um mortal, ao morrer, merecia prêmio ou castigo.

Assim, pois, Yama foi pessoalmente ao bosque e, como era um deus, pôde atravessar sem perigo o círculo de fogo e aproximar-se do local em que estava Savitri. Chegando, disse a ela:

- Minha filha, entrega-me este cadáver, pois já sabes que a morte é o destino de todo mortal e eu sou o primeiro mortal que morreu. Desde então tudo que vive há de morrer. A morte é o irrevogável destino do homem.

Savitri deixou o cadáver de seu marido e Yama, tirando-lhe a alma, com ela se afastou; porém não havia andado muito, quando ouviu atrás de si passos sobre as folhas secas. Ao volver-se a Savitri, a quem disse com paternal ternura:

- Savitri, minha filha, por que me segues? Este é o destino de todos os mortais.

Savitri respondeu:

- Não sigo a ti, senhor meu, porque o destino da mulher é ir onde seu amor a leva; a lei eterna não separa o amoroso esposo da fiel esposa.

Então disse o deus da Morte:

- Pede-me a graça que quiseres, menos a vida de teu marido.

Ao que ela respondeu:

- Se desejas outorgar-me tua graça, ã deus da Morte, peço-te que devolvas a vista a meu sogro e que ele seja feliz.

Yama replicou:

- Cumpra-se teu piedoso desejo, respeitosa filha.

E o rei da Morte seguiu seu caminho com a a alma de Satyavân. Novamente ouvindo passos, voltou-se e viu que Savitri o acompanhava.

- Savitri, minha filha, ainda me segues:

- Sim, meu senhor; nada posso fazer, pois embora me esforce em retroceder, a mente corre em pós de meu marido e o corpo a obedece. Tens a alma de Satyavân e como sua alma é também a minha, meu corpo a acompanha.

Yama disse, então:

- Agradam-me tuas palavras, formosa Savitri. Pede-me outra graça, menos a ida de teu marido.

- Se te dignares conceder-me outra graça, fazei com que meu sogro recupere seu reino e suas riquezas.

- Concedo-te, filha amorosa, mas volta para teu lugar, porque nenhum ser vivente pode andar em companhia de Yama.

E o rei da Morte seguiu seu caminho.

Savitri, porém, persistiu em acompanhá-lo e Yama volvendo-se dialogou com a mesma.

- Nobre Savitri, não me sigas com tua dor sem esperança.

- Não tenho remédio - senão ir para onde levas meu marido.

- Supõe, Savitri, que teu marido foi um perverso e que eu o levo para o inferno. Irias acompanhar teu marido?.

- Iria alegre para onde ele fosse, quer na vida, quer na morte, seja no céu, seja no inferno.

- Benditas sejam tuas palavras, minha filha! Deixaste-me comovido. Pede-me outra graça que não seja a vida de teu marido.

Pois já que me permites pedir-te, fazei com que não se quebre a régia estirpe de meu sogro e que seu reino seja herdado pelos filhos de Satvavân.

O rei da Morte sorriu e disse:

- Filha minha, teu desejo será cumprido. Aqui tens a alma de teu marido. Ele voltará a viver e será pai de teus filhos que, com o tempo, serão reis. Volta para tua casa. O amor triunfou da morte.

Jamais mulher alguma amou como tu e és a prova de que até eu, o deus da Morte, nada posso contra a força de um verdadeiro e perseverante amor!.

IV No Desterro

A inveja de Duryodhana perseguiu os Pândavas até no desterro, onde os deixamos, embora fracassassem muitas ciladas de morte que os Kurus armaram contra eles.

Um dia, os cinco irmãos estavam no bosque com muita sede, quando Yudhishthira disse a Nakula que fosse buscar água. Nakula obedeceu seu irmão maior e encaminhou-se ao lago, onde costumavam prover-se; porém, no momento de beber, ouviu uma voz que lhe dizia:

- Detém-te, ó criatura; responde primeiro às minhas perguntas e depois beberás.

Porém, como Nakula tinha muita sede, não fez caso da admoestação, bebeu a água e caiu morto imediatamente.

Ao ver que Nakula não voltava, Yudhishthira mandou um outro irrtijio, chamado Sahadeva, que o procurasse e trouxesse água.

Sahadeva dirigiu-se ao lago e encontrando em suas margens o cadáver de Nakula, ficou extremamente aflito. Atormentado pela sede, ia beber, quando ouviu a mesma voz:

- Detém-te, ó criatura. Responde primeiro às minhas perguntas e depois beberás.

Sahadeva não dando importância à essas palavras, bebeu e caiu fulminado.

Arjuna e Bhina foram sucessivamente ao lago e sofreram a mesma sorte. Yudhisthira, então, resolveu ir pessoalmente verificar o que havia acontecido, pois nenhum dos quatro irmãos, havia regressado; ao chegar, porém, a margem do lago, ficou profundamente entristecido ante o espetáculo dos cadáveres e prorrompeu em sentidas lamentações.

Logo ouviu aquela voz que dizia:

- Não procedas temerariamente, ò criatura. Sou um Yaksha que, como a grou sustento-me de peixes miúdos. Por mim caíram teus irmãos, sob a jurisdição do Senhor dos espíritos desencarnados. Se tu, ò príncipe, não responderes às minhas perguntas, serás o quinto cadáver. Se as responderes, ò filho de Kuntí, poderás beber e carregar quanta água quiseres.

Yudhisthira respondeu:

Responderei às tuas perguntas, segundo o meu entender. Pergunta-me!.

O Yaksha disse então:

- Qual é a coisa mais admirável deste mundo?.

- É a cada momento vemos como os outros morrem e os que ficam pensarem que nunca hão de morrer. Esta é a coisa mais surpreendente: diante da morte, ninguém pensa que há de morrer.

O Yaksha voltou a perguntar:

- Como se chega a conhecer o segredo da religião?.

- Nada se alcança com argumentos, porque muitas são as doutrinas, diversas as Escrituras e uns textos contradizem aos outros. Não há sábios que concordem em suas opiniões. Parece que o segredo da religião está sepultado em cavernas profundas. Por isso o caminho que se há de seguir é o que seguiram os excelsos seres.

O Yaksha, então, respondeu:

- Estou satisfeito. Eu sou o Dharma, o deus da justiça em forma de grou. Vim por-te à prova. Teus irmãos não morreram. Tudo foi obra de minha magia. Posto que consideras a abstenção de toda injúria superior ao prazer e ao luxo, teus irmãos viverão, ò vencedor de teus inimigos e fortaleza dos Bhâratas!.

A estas palavras, os quatro irmãos ressuscitaram.

Em suas respostas, Yudhisthira demonstrou que era mais que filósofo, que yogi e que rei.

Como se aproximava o décimo terceiro ano de desterro, durante o qual, segundo as condições estipuladas, haviam de viver incógnitos em uma cidade, sob pena de sofrer outros doze anos de desterro, o yaksha recomendou-lhes que fossem ao reino de Virat e ali vivessem disfarçados do melhor modo que pudessem, para não serem reconhecidos.

Obedientes à voz do yaksha, quando terminaram os doze anos de desterro, os cinco Pândavas foram para o reino de Virat, convenientemente disfarçados e entraram no serviço doméstico da casa real.

Desse modo, Yudhisthira foi o brâmane da corte, hábil no manejo dos dados; Bhima, cozinheiro;

Arjuna disfarçado em eunuco, foi nomeado mestre de música e dança da princesa Uttarâ com alojamento nas habitações particulares do rei; a Nakula foi confiado o cargo de escudeiro; a Sahadeva, o de boieiro; Draupadi, disfarçada em camareira, foi admitida ao serviço pessoal da rainha.

Desse modo, durante um ano, os Pândavas permaneceram incógnitos na cidade de Virat, sem que as pesquisas de Duryodhana lograssem descobri-los.

V A Batalha

Ao expirar o ano suplementar de desterro, sem que ninguém tivesse descoberto os Pândavas, Yudhishthira mandou um mensageiro a Dhritarashtra intimando-o a que cumprindo o estipulado, lhe devolvesse a metade do reino.

Duryodhana, porém, odiava seus primos e não quis aceder a tão legítimo pedido e muito menos àquele que, em vista dessa negativa lhe fizeram os Pândavas de que ao menos se lhes concedesse a soberania de cinco cidades do reino.

O teimoso e obstinado Duryodhana declarou que a não ser pela força das armas não cederia nem sequer o pedaço de terra que se pudesse sustentar na ponta de agulha.

Dhritarashtra bateu-se continuamente pela paz, mas tudo foi em vão. Krishna também interveio com o intuito evitar a guerra iminente, com a morte provável de guerreiros do mesmo sangue, e embora fizessem o mesmo os antigos magnatas da corte, fracassou toda negociação no sentido de uma pacífica partilha do reino.

Em vista disso, ambos os grupos se prepararam para a guerra e todos os reinos belicosos tomaram parte no conflito, de acordo com os antigos costumes dos Kshatriyas.

Duryodhana e Yudhishthira chefiaram seus respectivos exércitos. Este último apressou-se em enviar mensagens aos reis vizinhos, solicitando sua aliança, pois desse chefe honrado atenderiam o primeiro pedido de auxílio que recebessem.

Duryodhana também lançou mão de idêntico recurso e, por isso alguns reis se aliaram aos Pândavas e outros aos Kuravas, segundo a precedência do pedido de auxílio. Disso resultou que cada exército tinha parentes, amigos, mestres, discípulos, pais, irmãos ou filhos, no exército oposto. Segundo o estranho código militar vigente naqueles tempos, só se combatia durante o dia, ou melhor, de sol a sol; ao anoitecer as hostilidades eram suspensas, por uma espécie de armistício noturno, durante o qual confraternizavam-se ambos os exércitos, visitando uns as tendas dos outros, até que, ao amanhecer, cada qual voltava a seu campo para reiniciar o combate.

Além disso, um soldado de cavalaria não podia ferir um de infantaria, não era lícito envenenar as flechas, não se devia combater e vencer um, inimigo notoriamente inferior em número; era proibido levar vantagem contra o adversário, valer-se de ciladas ou estratégias. Seria desprezado e degradado quem infringisse qualquer uma dessas regras, que formavam a parte principal da educação militar dos Kshatriyas, cuja única função era combater numa guerra de justa causa.

O código também prescrevia que jamais os Kshatriyas empreendessem guerras de conquista e nem se apoderassem de países estrangeiros, mas que vencer os invasores fossem estes repatriados com todas as honras devidas à categoria e posição de cada qual. Por isso jamais despojaram nenhum país vizinho de suas terras.

Naquela época a arte militar não se limitava ao hábil manejo do arco, mas ampliava-se em uma disciplina pela qual o guerreiro exercitava a balística mágica e mental, em que intervinham principalmente os mantras, a concentração e os exercícios mentais de magia

divina, que davam poder para lutar contra milhões de inimigos e desbaratá-los.

Embora os ocidentais se atribuam a invenção da pólvora, esta já era conhecida e empregada pelos antigos chineses e hindus por meio de canhões de ferro; muitos acreditavam que os chineses, por arte mágica, colocavam um demônio dentro de um tubo de ferro e que ao aplicarem o fogo numa extremidade do tubo, o demônio saía pela outra extremidade, com tremendo estampido e matava muitos inimigos. Não obstante, a artilharia era muito embrionária.

Os antigos hindus tinham sua organização especial e sua tática militar. Havia tropas de infantaria, a que denominavam *pada*; à cavalaria chamavam *turagci*. Possuíam também numerosos contingentes de guerreiros que montados em elefantes atacavam impetuosamente as fileiras inimigas. Havia também em cada exército uma divisão de carros armados, ocupados pelos generais e que hoje chamamos de estado maior.

Ambos os exércitos procuravam obter a aliança de Krishna, o qual não quis tomar parte ativa na contenda, mas ofereceu-se para conduzir o carro de Arjuna e servir de amigoso conselheiro aos Pândavas, enquanto cedia a Duryodhana todos os guerreiros que estavam sob suas ordens.

Travou-se a batalha na vasta planície de Kurukshetra e nela pereceram Bhishma, Drora, Karna, Duryodhana com todos os seus irmãos e milhares de guerreiros de ambas as partes.

O combate prolongou-se por dezoito dias, terminando com a morte de Duryodhana e a vitória dos Pândavas.

VI A Restauração e a Abdicação

A vitória de Kurukshetra assegurou a Yudhisthira a volta ao trono de seu pai.

Bhisma, o sábio e venerando guerreiro que caiu gravemente ferido no décimo dia da batalha, deu em seu leito de morte instruções a Yudhisthira a respeito dos deveres do rei, das quatro castas, das quatro etapas da vida humana, das leis do matrimônio, da concessão de favores etc., baseado nos ensinamentos dos antigos sábios. Explicou-lhe também as filosofias *sankhya* e *yoga*, relatando-lhe numerosas tradições referentes aos deuses, aos santos e aos reis.

Esses ensinamentos ocupam cerca da quarta parte da epopéia e são um verdadeiro arsenal de leis, costumes e códigos de moral da Índia antiga.

Pouco tempo depois, efetuou-se a coroação de Yudhisthira, em cujo coração pesava o sentimento do sangue derramado e a morte de tantos amigos, mestres e parentes. Por causa disso, aconselhado por Nyasa, celebrou o sacrifício de *Ashvamedha*.

Após a batalha, Dhritarâshtra viveu no palácio real, durante quinze anos, honrado e obedecido por seus sobrinhos, os cinco Pândavas; ao cabo daquele tempo, sentindo-se velho e adoentado, retirou-se para o deserto com sua abnegada esposa e Kunti, a mãe dos Pândavas, para terminar seus dias no ascetismo.

Transcorrido trinta e seis anos, depois da restauração de Yudhisthira no trono, chegou aos seus ouvidos a notícia de que Krishna, o sábio, seu amigo, profeta e conselheiro, havia morrido.

Arjuna apressou-se em ir a Devârahâ e voltou com a confirmação da notícia de que, realmente, Krishna e os Yadavas haviam morrido.

O rei e seus irmãos ficaram muito consternados e declararam que também a hora de sua partida havia chegado. Por essa razão Yudhishthira abdicou a coroa a favor de Parikshit, primogênito de Arjuna e, aconselhado pelos sábios, empreendeu a viagem chamada Mahâprasthanâ, uma modalidade de ascetismo ou sannyasa.

Em obediência à lei existente naquele tempo, quando um homem chegava à decrepitude, costumava renunciar a todas as coisas do mundo e empreender uma viagem a pé até os Himalaias, completamente em jejum e pensando sempre em Deus, de sorte que morria de inanição.

Essa era a viagem ao céu, porque segundo a antiga mitologia indiana, para ir ao céu era necessário atravessar os altos píncaros dos Himalaias, além dos quais se ergue o monte Meru, em cujo cume está o céu, morada dos deuses.

Os reis seguiam o mesmo costume que os outros homens e por isso Yudhishthira recebeu naturalidade o aviso para se dirigir ao céu.

Em virtude desse fato, os cinco irmãos e sua mulher Draupadi vestiram roupas simples e empreenderam a marcha sem a menor provisão de alimentos, pois deles não necessitavam naquela viagem para a morte.

A caminho, notaram que um cão os acompanhava. Continuaram a marcha para os Himalaias, palmilharam a neve de seus cumes e avistaram em sua frente o monte Meru, quando a rainha Draupadi caiu desfalecida para nunca mais levantar-se.

Yudhishthira, que ia abrindo caminho, não notou o acidente. Seu irmão Bhima, que havia assistido o fato, avisou-o dizendo:

- Ó rei a rainha nossa esposa morreu Yudhishthira chorou, sem volver o olhar e disse:
- Vamos ao encontro de Krishna e não temos tempo de olhar para traz. Sigamos para frente.

Ao fim de algum tempo, Bhima exclamou:

- Acaba de morrer nosso irmão Sahadeva.

O rei, sem se deter, chorou e disse:

- Sigamos avante.

Assim, foram caindo mortos pela neve os quatro irmãos; entretanto, embora sozinho, o rei prosseguiu impávido a sua marcha. O cão o acompanhava fielmente. Ambos caminhavam pela neve e pelo gelo, subindo encostas, através de vales, de cume em cume, até chegarem às fraldas do monte, Meru, onde o rei ouviu celestes harmonias e foi agraciado por copiosa chuva de flores que os deuses derramaram sobre ele.

Então desceu do céu a carruagem dos deuses e Indra disse a Yudhishthira:

Sobe nesta carruagem, ã tu que és o mais excelso mortal. Somente a ti é concedido entrar de corpo e alma no céu.

Yudhishthira respondeu:

- Não quero entrar no céu sem meus irmãos e nossa esposa.
- Já se encontram no céu teus irmãos e vossa esposa.

Yudhishthira, então, fez sinal ao cão para que subisse também na carruagem; Indra, porém, assombrado, exclamou:

- Como? Um cão? Afasta-o daqui! Os cães não podem ir ao céu. Que vais fazer, ó grande rei? Acaso enlouqueceste; tu que és o mais virtuoso da raça humana e a quem foi

concedido o excepcional privilegio de entrar no céu de corpo e alma?.

Em resposta, disse Yudhishthira:

- Este cão foi meu fiel companheiro, através do gelo e da neve. Ele não me abandonou, quando a rainha e meus irmãos morreram. Como poderei abandoná-lo agora?.

Indra replicou:

- No céu não ha lugar para homens acompanhados de cães. Deves abandoná-lo, sem receio de fazer-lhe injustiça.

Yudhishthira respondeu:

- Sem o cão não irei para o céu. Nunca abandonarei aquele que a mim se aliou e comigo estará enquanto eu viver. Jamais me afastarei da retidão, nem pelas delicias do céu, nem pelas insinuações de um deus!.

Disse Indra:

- Então, somente com uma condição o cão entrará no céu. Tu tens sido o mais virtuoso dos mortais e o cão tem sido um devorador da carne dos outros animais. Ele está cheio de pecados por haver destruído outras vidas. Renuncia tu ao céu e entre ele em teu lugar.

Yudhishthira disse:

- Aceito! Que o cão vá para o céu em meu lugar!.

A cena transfigurou-se imediatamente. Ao ouvir as nobres palavras de Yudhishthira, o cão transformou-se no deus Yama, o senhor do Dharma, da Justiça e da Morte. Este, que se havia disfarçado sob aquela aparência, disse a Yudhishthira:

- Ó rei, jamais houve homem tão abnegado como tu, que quiseste renunciar ao céu e anular tuas virtudes em benefício de um cão, condenando-te ao inferno ao carregares seus pecados. És nobilíssimo, ó rei dos reis! Tens compaixão de toda criatura, ó digno representante dos Bhâratas! Desde já são tuas as regiões da felicidade permanente. Tu as conquistaste e o céu é teu! Yudhishthira, Indra, Yama e outros deuses que haviam se aproximado para presenciar a cena, dirigiram-se para o céu na divina carruagem.

Lá, Yudhishthira passa pelas provas iniciáticas, banha-se no Ganges do Esvarga e adquire um corpo celestial. Encontra Draupadi e seus irmãos e gozam eterna felicidade.

Assim termina o Mahâbhârata.

O Bhagavad Gita

O mais notável episódio do Mahâbhârata é o imortal poema do Bhagavad Gita, que significa o Canto do Senhor, ou Canto Celestial.

É a Escritura mais popular da Índia e a que contém os mais altos ensinamentos. Consiste em um diálogo entre Krishna e Arjuna, no momento de ser travada a batalha de Kurukshetra.

Poucos sabem na Europa e nas Américas que o Bhagavad Gita inspirou todos os pensamentos e obras de Emerson que, antes de sua gloriosa carreira literária, foi visitar Carlyle, tendo este lhe oferecido um exemplar do Bhagavad Gita. A leitura dessa obra levou Emerson a iniciar as famosas conferências de Concord, que exerceram poderosa influência na mentalidade dos Estados Unidos.

A figura central do Bhagavad Gita é Krishna.

Assim como os cristãos adoram a Jesus de Nazaré, como encarnação de Deus, também os hindus adoram várias encarnações de Deus, em instrutores que de tempos a tempos aparecem, segundo as necessidades do mundo para manter a justiça e destruir a maldade.

Cada seita hinduista adora a uma dessas encarnações da Divindade e Krishna é quem tem maior número de devotos, porque dizem que superou os demais, pois Buda e outros só foram monges e celibatários, não olhando os casados com simpatia. Krishna, ao contrário, deixou filhos, reis, sacerdotes e durante toda a sua vida praticou os admiráveis ensinamentos que pregava e dizia: “Conhece o segredo da vida aquele que, no meio da maior atividade, encontra a mais doce paz e é ativo no seio da mais profunda calma”.

Ele ensinava que para lograr ação na inação e inação na ação, ou seja a calma na atividade e a atividade na calma, era necessário não apegar-se, nem identificar-se com as coisas externas e agir sem cobiçar o fruto da ação, porque a aflição não é proveniente das obras, mas da apetência pelo fruto das ações.

Assim devemos considerar o dinheiro, a fama, a família, como meios adequados ao cumprimento do nosso dever e não como finalidades absolutas da vida. Somente ao Senhor devemos nos apegar por devoção.

Trabalhemos pela família, amemo-la, sacrifiquemos por ela cem vidas se necessário for, porém não nos identifiquemos com ela. A vida de Krishna foi um perfeito exemplo desses ensinamentos.

O livro que relata sua vida conta com milhares de anos de antigüidade e em algumas passagens oferece assombrosa semelhança com episódios da vida de Jesus de Nazaré.

Krishna era de régia estirpe e como estava profetizado que um rebento daquela família seria rei de Madura, cujo trono era ocupado naquele tempo pelo tirano Kamsa, quando este soube que havia nascido um menino naquela família predestinada, não sabendo ao certo o lugar do seu nascimento, ordenou a matança de todos os meninos recém-nascidos.

O pai e a mãe de Krishna estavam presos no cárcere, por ordem do tirano Kamsa,

quando nasceu Krishna. Naquele instante, uma luz celestial iluminou o calabouço e, segundo reza a lenda sagrada, o recém-nascido exclamou- “Eu sou a luz do mundo, que nasceu para o bem dos homens.”

Os sábios afirmaram que Deus havia nascido e foram render-lhe homenagem, do mesmo modo que os magos adoraram o menino Jesus em Belém.

Finalmente Krishna venceu o tirano Kamsa, mas não quis ocupar o trono, porque dizia que seu reino não era deste mundo. Havia cumprido seu dever e isso bastava.

Para compreender-se devidamente o Bhagavad Gita, convém esclarecer quatro pontos, a saber:

- 1.- O Se o Bhagavad Gita, desde o princípio formava parte da epopéia Mahâbhârata, como episódio, ou foi interpolado posteriormente, podendo ser atribuído a Veda-Vyasa.
- 2.- O Se Krishna é um personagem histórico ou é um mito.
- 3.- O Se, realmente, houve a batalha de Kurukshetra.
- 4.- O Se Arjuna e os demais personagens são históricos.

Vejam os fundamentos há para esta investigação.

Sabemos que na Índia antiga houve vários personagens chamados Veda-Vyasa; porém, qual deles foi o autor do Bhagavad Gita? Teria sido Bâdârâyana Vyasa ou Dvaipâyana Vyasa?.

Vyasa era um título aplicado a vários personagens e especialmente àquele que compunha um novo Purana, ou narração histórica, assim como também era um título o nome de Vikramâditya.

Por outro lado, o Bhagavad Gita não foi muito conhecido pela generalidade do povo, antes que Sankara lhe desse fama ao comentá-lo, pois até então só eram conhecidos os comentários de Bodhâyana, Se este ponto ficasse demonstrado muito valeria para estabelecer de modo definitivo a antigüidade do Bhagavad Gita e considerá-lo como obra da autoria do criador do Mahâbhârata.

Porém, em minhas viagens pela Índia inteira não pude encontrar um só exemplar do Bodhâyana Bâshya a respeito dos sutras vedantinos, daqueles com que Ramanuja compilou seu Sri Bhâsya, tão discutido por Swami Dayananda e que Sankara menciona e cita parcialmente em seus comentários.

Dizem que Ramanuya compilou seu Bhâsya de um manuscrito roído pelas traças e que teve a felicidade de encontrar.

Portanto, sendo tão incerta a antigüidade do Bodhâyana Bâsya sobre os sutras da Vedanta, é inútil procurar estabelecer a precedência do Bodhâyana Bâshya sobre o Bhagavad Gita. Tudo o que a respeito digam os orientistas pró ou contra, são conjecturas.

Alguns julgam que o autor do Bhagavad Gita foi Sankara, que o incorporou ao Mahâbhârata.

Relativamente à personalidade de Krishna, há muitas dúvidas. Uma passagem do Upanishad Chhandogya refere-se a Krishna como filho de Devaki, dizendo que ele recebeu instrução espiritual de um Yogi.

No Mahâbhârata, Krishna é o rei de Dwaraka; no Purana Vishnu, descrevem-no brincando com as pastoras ou donzelas chamadas Gopis; no Bhagavatam explicam

amplamente seu Râsalilâ.

Em tempos muitos remotos estava em moda na Índia uma Utsava chamada Madanotsava, ou festa em honra a Cupido, que se transformava em Dôla, posta nos ombros de Krishna. Quem se atreverá a afirmar que a Râsalilâ e outras coisas relacionadas com Krishna não se baseavam nela?.

Antigamente, na Índia, ninguém se preocupava em indagar a verdade histórica e assim qualquer um fazia prevalecer suas afirmações, sem robustecer a verdade com provas evidentes. Tampouco havia naqueles tempos o desejo da fama e da celebridade, motivo pelo qual, freqüentemente, um autor escrevia um livro e publicava o manuscrito com o nome de seu instrutor ou de outro qualquer, pois só se interessavam pela difusão dos ensinamentos.

Portanto, em circunstâncias tais, é muito difícil a um historiador encontrar a verdade. Além disso, naquele tempo os hindus desconheciam geografia por completo e davam azas à imaginação; por isso vemos suas citações fantásticas como oceano doce, oceano de mel, oceano de manteiga pura, oceano de nata, etc.

Nos Puranas, conta-se de um homem que viveu mil anos e um outro cem mil, ao passo que os Vedas dizem que o homem vive cem anos.

É quase impossível chegarmos a uma exata conclusão a respeito da personalidade de Krishna, pois o povo tende a envolver a pessoa de um homem insigne com toda a riqueza de atributos sobre humanos. Assim deve ter acontecido em relação a Krishna, embora pareça muito provável que tenha sido rei, porque naquela época os reis se ocupavam especialmente na doutrina do conhecimento de Brama.

Qualquer que tenha sido o autor do Bhagavad Gita, o fato é que seus ensinamentos concordam com o que está exposto no conjunto do Mahâbhârata. Dessa circunstância é justo deduzir que na época em que foi escrito o Mahâbhârata, levantaram-se alguns instrutores para pegar ao povo esta nova modalidade do conhecimento de Brama.

Devemos também considerar que nos tempos antigos, as seitas apareciam e desapareciam, deixando cada uma delas um livro escrito com seus ensinamentos; por isso é provável que o Bhagavad Gita fosse o livro sagrado de uma dessas seitas, já desaparecidas.

Quanto à realidade da batalha de Kurukshetra, não é possível aduzir nenhuma prova concludente, embora esteja provada historicamente a guerra intestina entre os Kuravas e os Pândavas.

Além disso, como poderia travar-se tão longo diálogo a respeito dos caminhos do conhecimento, devoção e ação, filosofias sankya e yoga, quando ambos os exércitos estavam esperando o último sinal para começar o combate? Acaso, havia ali algum taquígrafo para transcrever o diálogo entre o rumor dos acampamentos e o fragor das armas?.

Segundo alguns investigadores, a batalha de Kurukshetra não passa de uma alegoria, em cujo significado esotérico descobrimos a luta contínua no íntimo do homem entre as suas boas e más inclinações.

Quanto à autenticidade histórica de Arjuna e dos demais personagens, há também algumas dúvidas, pois o Grâhmana Satapatha, que é um livro antiquíssimo, menciona os nomes de todos os que assistiram o solene sacrifício Ashvamedha e entre eles não figura Arjuna e nem um só dos Pândavas, embora, por outro lado, faça referências a Janarnejaya, filho de Parikshit e neto de Arjuna. Não obstante, o Mahâbhârata e outros celebraram o sacrifício de Ashvamedha.

De qualquer modo, não há conexão entre as investigações históricas e o fundo moral e didático do Mahâbhârata e do Bhagavad Gita, que nos dão o conhecimento necessário e suficiente para cumprirmos nosso dharma.

Embora todos os personagens fossem míticos, nada perderíamos com isso e se alguém replicar que para isso não havia necessidade de investigações históricas, responderemos que sempre somos obrigados a indagar a verdade e não permaneceremos ligados a idéias errôneas, por ignorância.

Na Índia ninguém se preocupa com investigações históricas e cada seita considera que ensinando algo de benéfico para o mundo, não importa que o ensinamento esteja envolto em piedosas fantasias ou mentiras, porque lhes parece que o fim justifica os meios. Por isso vemos que muitos dos nossos Tantras começam com esta frase: “Mahâdeva disse a Pârvatî” Nosso dever, porém é convencer-nos da verdade e só crer na verdade.

Tamanho é o poder da crença supersticiosa nas antigas tradições, sem que se procure comprovar sua verdade, que até instrutores da estirpe de Jesus, o Cristo, e Maomé não puderam arredar algumas superstições.

Quanto aos ensinamentos do Bhagavad Gita, se estudarmos os Upanishads, notaremos, entre a mescla de assuntos impertinentes, a discussão de uma grande verdade, como se no meio de um deserto o viajante encontrasse uma belíssima rosa, envolvida no meio de suas próprias folhas, espinhos e raízes.

Assim são as verdades do Bhagavad Gitâ, como uma grinalda primorosa ou um ramo de flores delicadas habilmente colocado.

Os Upanishads tratam de modo complexo do Shraddha em muitas passagens e raras vezes aludem a Bhakti. No Bhagavad Gita, ao contrário, não só se trata reiteradamente de Bhakti como prepondera em seus ensinamentos um profundo espírito de devoção.

A originalidade do Bhagavad Gita, que o destingue das demais Escrituras, consiste em que, antes de sua publicação, já se conheciam os métodos ou caminho de conhecimento, ação e devoção; cada um deles, porém, tinha seus partidários, que o consideravam o melhor, o único e menosprezavam os demais, de sorte que porfiavam uns com os outros, sem que ninguém pensasse em conciliação, até que o autor do Bhagavad Gita tratou de harmonizá-los, escolhendo o melhor que havia em cada seita e expondo-o no texto. Porém o que Krishna não conseguiu harmonizar por completo, conseguiu-o perfeitamente Ramakrishna Paramahmsa, no século XIX.

Por isso trata o Bhagavad Gita da renúncia ao fruto da ação, doutrina chamada em sânscrito nishkâmakarma. Atualmente, interpreta-se essa doutrina de diversos modos. Alguns dizem que o desinteresse ou desapego ao fruto das obras conduz à absoluta inação, ao propósito de nada fazer; neste caso, as pedras seriam os mais altos expoentes do nishkâmakarma. Entretanto, aquele renuncia verdadeiramente ao fruto das ações não está inativo como as pedras, pois seu coração está repleto de simpatia e pode envolver o mundo com, seu amor.

Portanto, vemos que os dois característicos principais do Bhagavad Gita são a conciliação dos vários caminhos do Dharma e as boas obras, sem apego aos seus frutos. A propósito citemos as seguintes estrofes da estância segunda:

SANJAYA:

Vendo-o tão profundamente desalentado, com os olhos rasos d'água, disse Krishna estas palavras a Arjuna:

KRISHNA:

De onde vem, ó Arjuna, se infame e vil abatimento que cerra as portas do céu? Não cedas à fraqueza, o Partha, pois não fica bem em um ser como tu. Sacode essa vil inatividade do ração. Ergue-te, Parantapa!

Arjuna sentia repugnância pela luta, porque nele predominava a qualidade tamásica, pois quando predominava a sátvica, o homem permanece inalterável na prosperidade e na desgraça, no prazer e na dor.

Não era covardia, mas religiosidade o que conturbava o ânimo de Arjuna, como prova sua ida ao campo com o fim de combater.

Na vida diária ocorrem freqüentemente casos semelhantes. Há os que imaginam que são sátvicos por natureza, quando na realidade são tamásicos. Consideram-se justos e virtuosos e vivem desastrosamente, porque os Shastras dizem que os paramahamsas vivem sem se preocupar com a decência, nem com o asseio pessoal; casos idênticos são encontrados na hagiografia católica.

Os paramahamsas foram comparados aos meninos, porém, essa comparação é deficiente porque os paramahamsas e os meninos parecem ser semelhantes porque são os extremos ou pólos de um mesmo conceito.

O paramahansa já transpôs o jnanam e a criança ainda não tem o menor vislumbre de jnanam, do mesmo modo que tanto as vibrações muito rápidas como as muito lentas da luz estão fóra do alcance da nossa visão; no primeiro caso, porém, não as vemos por excesso e no segundo, por defeito.

O mesmo sucede com as qualidades opostas de sattva e tamas, que parecem a mesma, quando há um mundo de diferença entre elas. Tamas pode disfarçar-se em sattva e, no caso de Arjuna, tomou por duplo disfarce a compaixão e a piedade.

A fim de dissipar a ilusão que obcecava a Arjuna, como procedeu Krishna? Como devemos todos proceder em análogas circunstâncias com quem esteja mais atrasado em sua evolução espiritual, pois em vez de censurá-lo e dizer-lhe que era um pecador, apontou-lhe o poder residente em seu interior e o exortou a que não cedesse à inércia, indigna de um kshatryia, porque tudo quanto de sinistro há no mundo, provém da mórbida emoção do temor.

Se houvesse muitos que espalhassem esta mensagem pelo mundo, não tardariam em desaparecer as enfermidades, as penas e aflições, desvanecendo-se a ilusão de fraqueza e debilidade. A corrente predominante de temor, que tudo invade, se transformaria em corrente de segurança e confiança.

Nosso espírito é onipotente por essência e sem temor deve lançar-se à boca de um canhão. Não odiemos nem ao mais cruel criminoso. Olhemos para o seu íntimo, onde reside Paramatman. Digamos ao próximo, com voz amorosa: “Não há pecado nem miséria em ti, porque em ti pulsa a onipotência. Desperta, levanta-te e manifesta tua interna divindade!.

História de Jada Bhârata

Todo hinduista, quando atinge a velhice, tem o dever moral de renunciar ao mundo, a seus filhos e riquezas e retirar-se para o deserto, a fim de meditar sobre o Eu, que é sua única realidade e romper os laços que ligam-no mundo.

Reis e sacerdotes, aldeões e empregados, homens e mulheres, ninguém está isento desse dever, pois todos os deveres de pai, esposo, filho, irmão, esposa, mãe, filha e irmão, para o hinduista, não passa de uma predisposição à última etapa da vida, em que hão de se romper os laços da matéria.

Na Índia, assim chamada pelo estrangeiros, mas que os naturais denominam Bhârata Varsha, houve outrora um poderoso monarca chamado Bhârata que, sentindo-se velho abdicou a coroa a favor de seu filho e retirou-se para a solidão.

Ele, que havia governado milhões de súditos e vivido em suntuosos palácios de mármore recobertos de ouro e prata, construiu com suas próprias mãos uma cabana de junco e folhagem, às margens de um rio, nos bosques dos Himalaias. Ali viveu alimentando-se de ervas e raízes que ele próprio colhia, meditando constantemente no Espírito que reside no íntimo do homem.

Decorreram dias, meses e anos. Um dia, aproximou-se uma corça para beber água perto do lugar onde o régio asceta meditava. Ao mesmo tempo, surgiu a curta distância um leão, cujo rugido atemorizou a corça que, sem parar para beber, galgou de um salto a margem oposta do rio.

A corça encontrava-se em estado de gestação e em virtude do espanto e do violento esforço que fez, deu à luz um veadinho, morrendo imediatamente.

O veadinho caiu no rio e, arrastado pela corrente, teria perecido se o rei não quebrasse sua meditação para salvá-lo. Levou-o à sua cabana, acendeu uma fogueira para reanimá-lo e tomou-o sob sua proteção, alimentando-o com suco de frutas e ervas tenras. Com o tempo, o animal cresceu, até assumir o porte de um magnífico veado, de soberba aparência. Ora, o rei Bhârata, cuja força de vontade tinha sido suficiente para renunciar ao trono, às riquezas e à família, começou a sentir intensa simpatia pelo animal, de sorte que, quanto mais aumentava seu carinho, menos podia concentrar sua mente em Deus, por ininterrupta meditação.

Quando o veado se internava no bosque para pastar e tardava a regressar, o rei asceta sentia-se inquieto e ansioso, crendo que algum tigre o tivesse devorado, ou que qualquer outra desgraça lhe havia sucedido.

Desse modo decorreram alguns anos até que, por fim, o rei Bhârata sentindo-se morrer ao invés de pensar em Deus, pensava ansiosamente em seu querido cervo e assim morreu.

Em conseqüência, na seguinte encarnação, nasceu com corpo de cervo, porém, como o Carma nunca se perde, as boas ações e as heróicas façanhas que havia praticado em sua existência anterior, deram seu fruto e por ele nasceu jâtismara (Aquele que tem lembranças das existências passadas) e recordava sua vida anterior, embora não lhe fosse possível falar. Embora vivesse como animal, evitava o trato com seus congêneres e instintivamente ia pastar nos arredores das ermidas, onde se celebravam sacrifícios e se

liam os Upanishads.

Terminada a duração comum da vida dos cervos, ele morreu e na encarnação seguinte foi o filho menor de um rico brâmane. Nessa vida também recordou as anteriores e desde sua infância determinou não imiscuir-se com o., bens ou os males deste mundo.

O menino foi crescendo são e robusto, porém, sem pronunciar palavra, como se fosse tolo e mudo, temendo que o intromettessem com os negócios da vida doméstica.

Sua mente vivia sempre concertada no Infinito e só vivia para resgatar seu mau Karma anterior. Morreu o pai e os filhos partilharam a herança; como julgassem que o menor era mudo e para nada servia, ficaram com a sita parte, apenas dando-lhe sustento e amparo material.

As mulheres de seus irmãos tratavam-no asperamente, obrigando-o a desempenhar penosas tarefas e maltratando-o ainda mais, se recusasse; o rapaz, entretanto, sem mostrar ressentimento ou temor, persistiu em seu mutismo.

Quando seus irmãos se aborreciam, ele saía de casa e sentava-se sob uma árvore, onde permanecia, até que o aborrecimento deles desaparecesse.

Um dia em que suas cunhadas o haviam maltratado pior que nunca, Bhârata, como de costume, foi sentar-se sob a árvore, quando aconteceu que por ali passar o rei do país, sentado em um palanquim, carregado nos ombros pelos seus criados.

Ora, um dos carregadores sentiu um mal súbito e os outros procuravam alguém que o substituísse. Ao ver o jovem Bhârata, sentado sob a árvore, robusto e bem disposto, perguntaram-lhe se queria substituir o carregador enfermo?.

Bhârata não respondeu e então os carregadores o tomaram pelo braço e lho puseram no ombro a vara do régio palanquim. Sem pronunciar palavra, Bhârata seguiu com os outros, entretanto, em breve observou o rei que o palanquim se inclinava e ao espiar pela portinhola viu que a culpa era do novo carregador, a quem gritou?.

- Ó bobo! Descansa um pouco, se te dói o ombro!.

Então Bhârata, soltando a vara do palanquim, falou pela primeira vez em sua vida, dizendo:

- Ó rei! A quem chamas bobo? A quem dizes que descanse? A quem te referes, quando, dizes “tu”?.

Se por “tu” dás a entender esta massa de carne, sabe que está composta da mesma matéria que a tua; é inconsciente e conhece fadiga nem dor. Se te referes à mente, minha mente é a mesma que a tua, porque a mente é universal. Porém, se aplicas a palavra “tu” a algo versa mais além do corpo e da mente, ao Eu, que é a Realidade em mim, também é a mesma em ti, por que é a única Realidade no universo. Davas e o Eu pôde cansar-se, fatigar-se, entender ou fatigar-se, magoar-se? Eu não queria, ó rei, esmagar com pés os pobres vermes da terra e por isso, no esquivar-me inclinava o palanquim; porém o Eu não estava cansado nem débil, nem levava a vara do palanquim porque é onipotente e onipresente.

Bhârata continuou falando com persuasiva eloqüência sobre a natureza da alma e do supremo conhecimento; o rei que se ufanava de saber muita filosofia, desceu do palanquim e prostrando-se aos pés de Bhârata, exclamou:

- Perdoa-me ó poderoso ser!.

Não sabia que eras um sábio e mandei que me carregasses.

Bhârata o abençoou e partiu para reiniciar vida ascética que havia interrompido em

uma existência anterior. Ao morrer, ficou emancipado da roda dos renascimentos.

História de Prahlada

Hiranyakashipu era rei dos daytias que, embora da mesma família dos devas, estavam em contínua luta com eles. Os daytias não tomavam parte nos sacrifícios e oferendas dos homens, nem no governo e orientação do mundo. As vezes, porém, quando se julgavam muito fortes, expulsavam os devas do céu e, durante algum tempo, tempo, ocupavam o trono dos deuses.

Os devas, porém, impetravam o favor de Vishnu, o Onipresente Senhor do Universo, e com seu auxílio recobravam o poderio usurpado.

Sucedeu que em uma de tantas lutas, Hiranyakashipu, rei dos daytias, venceu os seus parentes, os devas e apoderou-se do governo dos três mundos: o celeste, habitado por deuses e semideuses; o intermédio, habitado pelos homens e animais e o inferior, habitado pelos daytias.

Hiranyakashipu, orgulhoso pelo seu triunfo, proclamou-se único Deus do universo e expediu ordens rigorosas, no sentido de não se prestar em parte alguma culto ao onipotente Vishnu, pois todos os seres deviam adorar a ele exclusivamente.

Esse rei tinha um filho, chamado Prahlada, o qual desde a infância se havia distinguido por sua profunda devoção a Deus. Temeroso de que em sua família se enraizasse o mal que desejava eliminar do mundo, colocou seu filho sob os cuidados de dois instrutores de severa disciplina, chamados Shanda e Arnarka, com ordens rigorosas para que seu filho jamais ouvisse pronunciar o detestável nome de Vishnu.

Os mestres levaram o príncipe para sua casa e puseram-no a estudar com outros rapazes de sua idade; ele, porém, ao invés de aprender as lições dos livros, passava o tempo a ensinar seus colegas a adorar Vishnu.

Sabedores disso, os mestres receberam a cólera do poderoso rei Hiranyakashipu e procuraram fazer tudo quanto puderam para dissuadir o rapaz de ministrar semelhantes ensinamentos.

Do mesmo modo que não podia deixar de respirar, Prahlada não podia deixar de adorar a Vishnu e ensinar os outros a adorá-lo.

A fim de salvar sua responsabilidade, os mestres comunicaram ao rei que seu filho não só adorava a Vishnu, como também corrompia os demais colegas com seus ensinamentos.

O rei encolerizou-se terrivelmente, quando soube do fato e mandou que Prahlada se apresentasse perante ele, a fim de convence-lo, com suaves admoestações, de que desistisse de adorar a Vishnu, pois somente ele, o rei era Deus digno de adoração.

Tudo foi em vão. Prahlada declarou repetidamente que a adoração somente era prestada a Vishnu, o Onipotente Senhor do Universo, pois o rei ocupava o trono enquanto fosse do agrado de Vishnu.

A cólera do rei explodiu até o ponto de ordenar a morte de seu filho. Os daytias imediatamente desembainharam as espadas e o atacaram; porém a mente de Prahlada estava tão fixa em Vishnu, que ele não sentiu a mais leve dor e nem as espadas penetraram em seu

corpo.

Ao ver seu pai tamanho prodígio, subiu de ponto sua raiva até culminar na pior paixão de que são capazes os daytias. Imaginando os meios mais diabólicos para matar o filho, ordenou que o mesmo ficasse sob as patas de um elefante; todavia o enfurecido animal não conseguiu esmagar o corpo de Pahlada, que parecia de ferro.

Vendo que nem assim satisfazia sua cólera, o rei mandou que atirassem o rapaz em um precipício; porém, como Vishnu residia no coração de Pahlada, este caiu no fundo do precipício tão suavemente como uma flor sobre a relva.

O veneno, a fogueira, a fome todo feitiço, todo tormento e suplicio, inventados pela diabólica crueldade do rei, foram inúteis. Nada podia causar dano ao moço, em cujo coração residia Vishnu.

Por último mandou o rei que amarrassem o rapaz com corpulentas serpentes tiradas do Inferno e o atirassem ao fundo do mar, empilhando sobre seu corpo enormes montanhas, para que acabasse de morrer.

Não obstante, Pahlada impetrou o auxílio de seu amado Vishnu, dizendo:

“Eu te saúdo, ó Senhor do Universo, formoso Vishnu!”.

Pensando e meditando em Vishnu, notou que Vishnu estava em sua própria alma e que ele mesmo era Vishnu.

Tão depressa alcançou este reconhecimento desligaram-se as serpentes que o envolviam e pulverizaram-se as montanhas e as águas do mar o levaram docemente à praia.

Então Pahlada esqueceu que era daitya e possuía corpo mortal. Sentiu que de si emanavam todas as forças do universo e que nada existia em a natureza, capaz de causar-lhe dano. Assim permaneceu extático durante longo tempo até que, voltando à consciência física, recordou que tinha corpo e se chamava Pahlada.

Aí reconheceu que Deus era imanente e transcendente, que estava dentro e fora dele e em todas as coisas viu a presença divina de Vishnu.

Quando o rei Hiranyakashipu verificou, com horror, que eram inúteis as tramas que inventava para livrar-se do rapaz, tão fervoroso adorador do seu inimigo Vishnu, já não sabia que partido tomar. Todavia, chamou-o novamente à sua presença e tratou de persuadi-lo com suaves e carinhosas insistências para que seguisse seu conselho; Pahlada, porém, persistiu na negativa.

Crendo o rei que aqueles caprichos Infantis se desvaneceriam com a idade e com uma disciplina ulterior, de novo colocou o rapaz sob os cuidados de seus instrutores, Shanda e Amarka, incumbindo-lhes de ensinar-lhe os deveres de um rei.

Tais ensinamentos, entretanto, não interessavam a Pahlada, que, como antes, empregava o tempo instruindo seus companheiros de estudo na devoção a Vishnu.

Sabedor da pertinácia de seu filho, o rei enfureceu-se como nunca e chamando-o advertiu que o mataria, proferindo em seguida termos soezes e blasfemarias contra Vishnu.

Contudo, Pahlada insistiu que Vishnu era o Senhor do Universo, sem princípio nem fim, onipotente e onipresente; como tal, era o único que se devia adorar.

O rei rugiu de ódio e exclamou:

- Maldito sejas! Se teu Vishnu é o deus onipotente, por que não está nesta coluna?.

- Está - respondeu Pahlada humildemente.

- Pois então, - replicou o rei fora de si - diz-lhe que se defenda porque agora mesmo vou matá-lo com esta espada.

Assim dizendo, o rei empunhou a espada e desferiu um terrível golpe na coluna. No mesmo instante, porém, ressoou uma voz poderosa e Vishnu surgiu da coluna em sua espantosa fôrma de Nrisingha: metade homem, metade leão.

Os daityas debandaram aterrorizados; Hiranyakashipu, porém, lutou desesperadamente com Vishnu, até cair vencido, morto.

Então os deuses desceram do céu e entoaram hinos de louvor a Vishnu. Prahlada prostrou-se a seus pés, entoando também hinos de graça e louvor.

Disse Vishnu:

- Pede-me o que quiseres, Prahlada. És meu predileto. Pede tudo que desejas.

Prahlada respondeu comovido:

- Senhor, se te vi, que mais posso desejar? Não me tentes com bens terrenos ou celestes.

A voz replicou:

- Pede-me algo, filho meu.

Prahlada disse, então:

- Que possa eu amai -te tão intensamente como o ignorante ama os bens terrenos; que eu te ame, sem outro objeto, senão teu amor.

Respondeu Vishnu.

- Prahlada, embora Meus sinceros devotos nunca desejem coisa alguma deste mundo nem do outro, quero que gozes os bens deste mundo até o fim do presente ciclo e cumpras as obras religiosas com tua mente fixa em mim. Quando teu corpo se desintegrar, chegarás a mim.

Vishnu abençoou a Prahlada e desapareceu. Então os deuses, presididos por Brama, colocaram Prahlada no trono dos daityas e volveram às suas respectivas esferas.

Os Grandes Instrutores

I Os Instrutores

Segundo os ensinamentos hindus, o universo evoluciona em ciclos, algo como emanações ondulantes. Cada ciclo surge como uma onda, chega a seu ponto culminante, decai e se desfaz para ressurgir depois de algum tempo. Assim ondas e mais ondas vão surgindo, desaparecem e voltam a surgir.

O mesmo que sucede no universo em conjunto sucede em cada uma de suas partes, nos negócios humanos e na história das nações, que prosperam, declinam, voltam a prosperar e declinar, até desaparecerem.

O mesmo movimento de fluxo e refluxo observa-se no mundo religioso. A vida espiritual surge e desaparece em cada nação em períodos alternativos. A nação decai e parece submergir, porém se reabilita, regenera e sobrevive o fluxo, em cuja crista culmina o Instrutor, que impulsiona a regeneração da nação.

Tais são os Profetas do Mundo, os Instrutores e Redentores, os Mensageiros de Vida, as Encarnações de Deus.

Ao homem comum e ao teólogo disciplinado parece que só pode ser verdadeira a religião que professa e só pode haver um Redentor, um Salvador do Mundo, uma só Encarnação de Deus; porém não é assim, porque ao estudarmos as vidas dos grandes Instrutores, vemos que cada um deles esteve destinado a desempenhar somente uma parte da grande obra de educar e instruir. A harmonia consiste no perfeito acorde de todas as notas e não em uma só nota. Assim como ninguém se atreveria a dizer que um só povo tem direito de desfrutar do mundo, pois cada povo tem que desempenhar uma parte na divina harmonia das nações, sendo o conjunto total uma grandiosa sinfonia.

Portanto, nenhum Instrutor nasceu para reger perpetuamente o mundo. Nenhum conseguiu nem conseguirá dominar o mundo por completo.

A maioria dos povos nasce e cresce sob a influência de uma religião dogmática e embora falem de princípios e teorias, só os aceitam se procedem de determinado instrutor. Só compreendem o preceito por meio do exemplo.

Ao contrário, os homens mais evolucionados não necessitam de exemplos, nem que o ensinamento proceda de determinado instrutor, como fazem os homens comuns que adoram a um profeta, a um instrutor, a uma encarnação de Deus. Assim, os cristãos se prosternam aos pés do Cristo, os budistas aos pés de Buda e os hinduístas aos pés de Vishnu, Shiva ou Brama.

Os maometanos, desde o princípio, manifestaram-se contrários a semelhantes adorações, embora venerem uma multidão de santos.

Não é possível opor-se aos fatos e não é nocivo adorar aos Instrutores. Recordemos a resposta de Cristo ao apóstolo Felipe que lhe pedia: “Mostra-nos o Pai”. Cristo respondeu: “Quem vê a mim vê o Pai”.

Entretanto só podemos ver o Instrutor em seu aspecto humano, porque estamos atualmente constituídos de um modo que só nos é possível ver e sentir a Deus, encarnado em fôrma humana, embora esteja em toda parte.

A Luz vibra em toda a parte e, entretanto somente a vemos, quando irradia de um foco. Assim, quando Deus encarna em um foco humano, o povo vê a Luz Divina.

Todavia, os Instrutores vêm de modo diferente do nosso, porque nós vimos como mendigos e eles como imperadores. Vimos como órfãos, como quem perdeu seu caminho. Desconhecemos a finalidade da vida e perguntamos o que viemos fazer neste mundo. Hoje fazemos uma coisa e amanhã praticamos ato contrário. Somos como palha arrastada pela água ou como pena envolvida num furacão.

Na história do mando, entretanto, vemos que esses Instrutores, cuja missão está determinada desde seu nascimento, jamais se afastam sequer uma linha do plano traçado.

Vêm com uma missão, uma mensagem e, portanto, não necessitam oferecer razões. Jamais os Instrutores discutiram seus ensinamentos. Falaram diretamente porque viam a verdade. Para que discutir?.

Além de verem a verdade, mostraram-na e demonstravam-na.

Se alguém me perguntar se há Deus, dir-lhe-ei que sim, mas logo me pedirá provas do que afirmo.

Então terei de responder como disse Cristo: “Contempla a Deus!”.

Os Instrutores percebem a Verdade intuitiva e diretamente e não a discutem. Não vacilam porque tem a força convencidora da visão direta.

Quando vejo uma mesa, não há argumento algum que me convença de que não a vejo. É uma percepção direta. Tal é a fé dos Instrutores. Fé em seus ideais, fé em sua missão e sobretudo fé em si mesmos.

Os homens perguntam uns para os outros: “Crês em Deus? Crês na vida futura? Crês neste ou naquele dogma”. Porém, falta-lhes a base, a crença firmíssima no Eu individual.

Como pôde crer em outra coisa o homem que não crê em si mesmo?.

Não temos certeza de nossa existência real. Às vezes, cremos que existimos e que nada nos pode prejudicar, mas no mesmo instante somos atacados pelo temor da morte. Às vezes temos convicção da nossa imortalidade e outras vezes ficamos abatidos, porque perdemos a fé em nós mesmos.

Os grandes Instrutores têm tanta fé em si mesmos, que não podemos compreendê-lo e por isso, procuramos explicar de mil modos o que os Instrutores disseram de si mesmos. Portanto, quando os Instrutores falam, os homens são obrigados a ouvi-los, pois cada uma de suas palavras está carregada de energia mental e explode como uma bomba. De que serve a palavra se não encerra energia mental? Que importa o idioma ou a concordância das palavras? Que importa se falam ou não em perfeito estilo gramatical ou com flores de retórica? O que importa é se há algo de proveitoso que dizer. As palavras são o veículo da mensagem. Aliás, às vezes é possível comunicá-la sem palavras.

Diz um versículo sânscrito:

“Vi o Instrutor sentado sob uma árvore. Era um adolescente de dezesseis anos e o discípulo era um velho de oitenta. O Instrutor pregava silenciosamente e as dúvidas do discípulo desapareceram.

Assim é que, às vezes, o Instrutor não pronuncia palavra alguma e transmite sua

mensagem mentalmente.

Os Instrutores são mensageiros que expedem a mensagem de modo imperativo; com voz de coroando disse Cristo: “Ide e dizei a todas as gentes que observem as coisas que eu mande!”. Em todas as palavras de Cristo, resplandece a profunda fé que tinha em sua mensagem. A mesma fé encontramos em todos os demais instrutores, que são como Deus vivo neste mundo e muito superiores a qualquer conceito particular que um indivíduo possa formar de Deus, pois não é possível formar conceito daquilo que se não experimentou e por isso não podemos ainda ter cabal conceito da misericórdia, da pureza e do amor.

Por conseguinte, não é estranho que os homens adorem e venerem como deuses aos homens em quem vêem resplandecer, sem sombra, a pureza, a misericórdia e o amor.

É lícito discorrer sobre os conceitos pessoal e impessoal de Deus, Porém, falar e discorrer não e agir e os Instrutores são os verdadeiros deuses de todas as nações e de todas as raças. Esses homens divinos têm sido e serão adorados enquanto existir a humanidade. Neles está nossa fé, nossa esperança e nossa ardente e íntima realidade.

Para mim tem sido Possível reverenciar a todos os Instrutores que já vieram e a todos os que eventualmente apareçam. Uma mãe reconhece seu filho em qualquer traje com que o veja; se não o reconhece forçosamente não é sua mãe.

Quanto aos que imaginam que a verdade e a divindade estão exclusivamente encarnadas no Instrutor a quem adoram, lhes direi que realmente não as reconhecem em ninguém, mas que se limitam a engolir palavras e se identificam com esta ou aquela seita, como se filiassem num partido político, por questão de idéias; isto, de modo algum pode ser religião.

Há quem prefira a água salobra à água doce, porque dizem que seu pai cavou o poço e saiu aquela água. Por experiência, estou convencido de que a religião não é culpada pelas maldades de que é acusada.

A religião não perseguiu ninguém, nem queimou bruxas ou hereges. Culpados foram os homens, que encobriram seus intuítos políticos, sob a capa da religião.

Portanto, quando alguém diz que o Instrutor, ou Fundador de sua religião é o único verdadeiro, denota com isso ser completamente analfabeto em matéria de religião, porque a religião não é palavrório, nem teoria, nem aprovação intelectual. É o reconhecimento de nossa riqueza divina, é a união com Deus, é o convencimento de que o espírito humano está relacionado com o Espírito Universal e todas as suas manifestações.

Quem entrou na casa do Pai, como deixará de reconhecer seus filhos?.

Se observarmos a vida dos grandes Instrutores de toda época e todo país, veremos que há apenas pequena diferença, entre eles.

Onde quer que a religião seja praticada, quando a alma se põe em contato direto com Deus, sua mente se dilata e então pode ver a luz em toda parte.

Os maometanos são os mais reacionários neste conceito, os mais sectários e fanáticos. Seu lema é: “Só há um Deus e Maomé é seu profeta”. Tudo que disto se afastar ou transcender é mau para os maometanos, deve ser imediatamente destruído e todo livro que ensine outra coisa deve ser queimado.

Durante cinco séculos, os maometanos derramaram rios de sangue, do Atlântico ao Pacífico.

Não obstante, há entre eles quem sempre deplorou tamanhas crueldades, porque estavam em contato com Deus e reconheciam parte da verdade. Não expunham sua

religião, nem falavam da religião de seus pais, mas sim da verdade direta.

Semelhança com a teoria da evolução nos oferece a biologia do atavismo, que também se manifesta na tendência que tem o homem de remontar às antigas Idéias religiosas; porém vale mais pensar algo novo, embora seja pior, do que estacionar no antigo, porque os erros e fracassos nos ensinam e o tempo é infinito.

Uma parede Jamais nos dirá uma mentira. É sempre parede. O homem mente e com o tempo alcança a perfeição. Fazer algo, embora resulte em erro é melhor do que nada fazer. De que serve a vida, se não temos convicções e idéias próprias a respeito de religião?.

Os cépticos podem adiantar algo porque embora difiram uns dos outros, pensam com seu cérebro, ao passo que quem jamais pensa por si mesmo, nada sabe de religião e vive como as ostras.

Se alguém diariamente nos pusesse o alimento na boca, perderíamos o uso das mãos. A atrofia espiritual é o resultado de seguir a opinião alheia, como um cordeiro atrás do pastor.

A diversidade é a beleza da vida e não devemos assustar-nos por causa dela, nem pretender uma uniformidade monótona.

Os que se relacionaram com Deus, verificaram que no mesmo instante “se desvaneceram suas dúvidas, os desvirtuamentos do coração se transmudaram e se romperam todos os laços da escravidão, porque viram Quem está mais perto daquilo que está ao alcance de nossas mãos e mais longe do que é longínquo”.

Isto é religião e nisto consiste toda religião. O demais são teorias, dogmas ou vários meios de alcançar a direta percepção da verdade; agora porém, lutamos ferozmente pela posse do cesto, sem notar que os frutos caíram no fosso.

Os Instrutores foram grandes e verdadeiros, porque cada um deles legou ao mundo uma idéia grandiosa. Eles surgiram como notas de uma grandiosa e harmônica sinfonia espiritual.

II Krishna

Os ensinamentos desse grande Instrutor, que floresceu na Índia, estão compendiados no Bhagavad Gita. Todos os que leram esse formoso poema terão notado que sua tônica fundamental, seu motivo principal é a renúncia, o desapego, o despreendimento, porém não a diferença, que é coisa muito distinta e sem valor espiritual.

Krishna ensina que o amor verdadeiro, o amor genuíno só deve ser dedicado ao Ser Imutável, a Deus.

Não devemos cometer o erro de dedicar nosso amor, nosso afeto às coisas perecíveis e mutáveis, nem a parentes e amigos, porque sua queda inevitável causa aflição. Deus é o único ser imutável e seu amor nunca falha. Onde quer que estejamos ou seja o que fizermos, sempre nos contempla com misericordioso amor, sem cólera, ou desprezo, pois sabe que caminhamos, para a perfeição.

Diz a filosofia vedantina que até no amor conjugal, no amor materno, por mais que a mulher julgue que ama a seu marido e a mãe a seu filho, o verdadeiro amor é dedicado a Deus, presente no filho e no marido; quem assim o não reconhecer sofrerá pena por esse

amor profano e egoísta.

Tal é a persistente tônica dos ensinamentos de Krishna, de tal modo assimilados pelo povo que, quando um hindu faz qualquer coisa, mesmo que seja o simples ato de beber água, diz: “Se há virtude nisto, que retorne ao Senhor.”

O hinduista crê firmemente em Deus e o considera a Alma de todas as almas e como sacrifício magno, oferece-lhe todos os seus merecimentos em benefício do mundo.

De outro lado Krishna afirma:

- “Quem vive no seio do mundo e oferece ao Senhor o fruto de suas ações, nunca se contamina com os males do mundo, pois, assim como o lotus que, enraizado sob a água, entalece e floresce na superfície, assim é o homem que, enraizado nas atividades do mundo, oferece ao Senhor o fruto de suas ações.”

Krishna exorta ardentemente à ação, mas como ao mesmo tempo exorta à renúncia dos frutos, dirão os mundanos:

- Então, onde, encontrarei a paz?. Se, durante toda a minha vida hei de trabalhar como burro de carga e morrer arreado, para que serve isto?.

E Krishna responde:

Sim, encontrarás a paz. Fugir à atividade jamais produz a paz. Quem tentar esquivar-se a todos os seus deveres, fugindo para o cume de uma montanha, será perseguido pelas preocupações mentais, suas atribulações e as angústias de sua alma.”

Perguntaram a um sannyasi:

- Há quantos anos vagas pelos Himalaias? Quarenta anos.

- E durante esse tempo todo não encontraste lugar algum que te proporcionasse a paz?.

- Minha mente não me permitiu escolha.

Estava inquieta.

Com mil variantes, é conhecida e repetida em todos os países, a historia daquele soldado que se vangloriava de ter feito prisioneiro um tártaro do exército inimigo, quando na realidade era o contrário: o tártaro é que o mantinha prisioneiro.

Ao aproximar-se do acampamento, exclamou:

Aprisioneie um tártaro! Pois traga-o aqui. Não quer entrar.

- Vem tu com ele.

- Ele não me deixa...

Do mesmo modo, cremos que apenas falando podemos apaziguar a mente, quando é a mente que nos retém prisioneiros.

Portanto, Krishna nos ensina a não nos afastarmos dos nossos deveres mas sim cumpri-los denodadamente, sem preocupar-mos como resultado.

O criado não tem direito de discutir as ordens de seu patrão, nem o soldado deve argumentar com seus superiores. Sigamos avante, sem reparar na índole da obra que temos o dever de cumprir. Verifiquemos se somos egoístas ou liberais quando agimos. Se somos liberais não haverá força que vença e, a pouco e pouco, chegaremos ao conhecimento da verdade.

Continua Krishna:

“Aquele que, no meio de intensa atividade encontra profunda paz e que, no meio da profunda paz age com intensa atividade, chegou à perfeição.

Destes ensinamentos depreende-se que todo dever é sagrado. Não há no mundo

dever algum que possamos com justiça qualificar de servil. A obra do lavador de pratos, bem cumprida, é tão meritória - como a do Imperador em seu trono. Os ensinamentos de Krishna têm evidente valor prático, porque nos estimulam a cumprir pacífica e prazerosamente os nossos deveres na vida social.

Nesse sentido, acrescenta aquele Instrutor:

- Não temais se vos aborrece algo de vosso trabalho, pois não há obra que não ofereça dificuldades.

Oferecei-a ao Senhor e não vos preocupeis com os resultados Krishna diz em suas obras que o tempo passa, que este mundo é finito e cheio de aflição. Os que têm boa mesa, boa cama, boa roupa e boa casa, não pensam nos milhões que morrem de fome. Ao nascer neste mundo, o homem chora porque este mundo é lugar de pranto.

Se obedecermos esta mensagem do Instrutor, não seremos egoístas.

III Buda

Em cada religião encontramos uma especial modalidade do sentimento devoto. A mais liberal e altamente desenvolvida é encontrada no budismo, essa religião desmembrada do hinduismo pelo grande Instrutor Gautama, descontente com as intermináveis discussões metafísicas entre os brâmanes de seu tempo, do complicadíssimo ritual e sobretudo do sistema de castas, tendo abominado também o poder tirânico do sacerdócio.

Gautama pregou a doutrina de se praticar o bem pelo amor ao bem, sem esperar recompensa, nem temor de castigo e desprezou toda indagação e polêmica a respeito da existência de Deus, pois dizia que o homem era incapaz penetrar o insondável com sua mente.

Quando lhe perguntavam se Deus existia, respondia que ignorava; se solicitavam sua opinião a respeito da conduta que o homem devia observar, respondia: “Fazei o bem e sede bons.”

Outro replicou, dizendo:

- Isto não pode ser verdade, porque meus livros dizem o contrário.

Os outros três contradisseram do mesmo modo a opinião dos demais, de sorte que não havia dois de completo acordo.

Gautama, então, foi perguntando a cada um deles:

- Teus livros dizem que Deus se aborrecer-se encoleriza, que é impuro e condena a alguém?.

- Não; todos dizem que Deus é puro e bom.

- Pois então, meus amigos, por que não procurais ser puros e bons, antes de indagardes quem é Deus?.

Logo de início, não concordo em todos os pontos com os ensinamentos de Buda; entretanto essa diferença não é obstáculo para que reconheça a grandeza desse Instrutor. Foi o único homem que agiu desinteressadamente. Houve outros que se disseram encarnações de Deus e que os que neles cressem iriam para o céu; Buda, porém, disse em seu leito de morte:

Certa vez, dele se aproximaram cinco brâmanes Para dirimir uma polêmica que

entre eles havia, a respeito da natureza de Deus. Um dos cinco disse:

- Meus livros afirmara que Deus é isto e aquilo e que esse é o caminho para se chegar a Deus.

- “Ninguém pode ajudar-vos se não buscardes por vós mesmo vossa salvação. Buda é o nome do conhecimento infinito. Eu Gautama, alcancei este estado com perseverança, vos esforçardes para alcançá-lo”.

Desinteressadamente, pregou seus ensinamentos sem desejo de ir ao céu. Renunciou ao trono, aos prazeres e às riquezas e andou mendigando sustento pelas cidades da Índia, enquanto pregava pelo bem de todo ser vivente, com um coração maior que o oceano. Foi o único homem que esteve pronto para dar a sua vida, a fim de impedir o sacrifício e a imolação dos animais. Por isso, certa ocasião, disse a um rei que presidia a imolação das inocentes vítimas do sacrifício:

- Se o sacrifício de um cordeiro te abre o caminho do céu, melhor t'o abrirá o sacrifício de um homem.

Portanto, sacrifica-me em lugar do cordeiro.

Buda é o exemplo perfeito da atividade e a altura a que chegou demonstra que, pelo poder da ação, também podemos alcançar um alto grau de aperfeiçoamento espiritual. Para muitos é mais fácil o caminho se crêem em Deus; a vida de Buda, porém demonstra que, embora um homem não creia em Deus, nem goste de metafísica, não professe religião positiva e nem freqüente templos, pôde adiantar seu aperfeiçoamento.

Se bem observarmos, veremos que a vida do Indivíduo é, de algum modo, a vida do passado que recolheu por meio da hereditariedade, da educação, do ambiente e da sua própria reencarnação. Que somos hoje, senão o resultado dos tempos passados. Que somos, senão bolhas na eterna corrente dos sucessos que, incapaz de estancar, segue para frente e para o alto? Há, porém, aqueles que são como vagas gigantes, que encerram em seu seio todo o passado e se estendem para abarcar o futuro. São como marcos perpétuos, indicadores da marcha da humanidade, cuja sombra cobre a face da terra.

Bem disse Cristo:

Ninguém pode chegar ao Pai, senão por mim.

Esta é a verdade, pois onde poderemos ver o Pai, senão no Filho? Todo ser humano, por mais pobre e mísero que seja, é um templo de Deus, um reflexo de Deus que enche o universo, mas que se manifesta por intermédio de um verdadeiro instrutor.

Todos reconhecemos que Deus existe, embora não o vejamos nem o compreendamos; porém se compararmos um genuíno Instrutor com o conceito que temos formado de Deus, resultará que o caráter do Instrutor supera o nosso conceito de Deus e verificamos que não podemos formar um conceito que supere o caráter do Instrutor que se nos manifesta como encarnação pessoal de Deus.

A divina encarnação dos judeus, que nela creram, foi Cristo. Quando Cristo nasceu, os judeus se achavam, em um estado de estagnação e só se ocupavam de minúcias e pormenores, sem dar atenção ao essencial.

Cristo veio ao mundo, para dar um novo Impulso à humanidade, na Palestina.

Os fariseus e saduceus podiam ter sido hipócritas e ter feito o que não deviam, porém foram. a causa e o Instrutor Cristo foi o efeito.

Embora os rituais, a liturgia, as cerimônias, as formalidades e pormenores acessórios da religião, às vezes, causem riso, acumulam não pouca energia e, precisamente,

esta energia estava acumulada no formalismo religioso dos judeus.

Rodeados de inimigos por todos os lados, estavam recolhidos no recinto onde foram encerrados pela força militar dos romanos e a mentalidade dos gregos; não obstante, conservavam a energia racial, até hoje mantida pelos seus descendentes.

Não era possível que essa energia ficasse comprimida por muito tempo; por isso encontrou sua expansão no cristianismo, no Instrutor Jesus de Nazareth, apelidado a Cristo, como a Gautama apelidaram o Buda.

Cada Instrutor surge em harmonia com a época, como criação do passado de sua raça e iniciador da futura. A causa de hoje é o efeito do passado e causa do futuro. Nesta situação se encontra o Instrutor, que encarna aquilo que de melhor e mais nobre há em sua raça, sendo ao mesmo tempo o impulsor do futuro da humanidade.

Por isso disse: “Não crede que vim abrogar a lei, mas sim cumpri-la.”

Devemos considerar que Jesus, o Cristo, era oriental, embora os pintores se empenhem em figurá-lo com olhos azuis e cabelos louros.

Também a Bíblia é oriental em seus dois testamentos; aliás suas descrições, comparações, imagens e metáforas denotam estilo oriental. As cenas, os lugares, as atitudes, os personagens, a linguagem poética que nos fala do aguilhão, do deserto, dos vales com seus lírios, do brilhante firmamento, dos rebanhos, das mulheres que com o cântaro na cabeça vão buscar água no poço, dos moinhos, dos arados e de tudo quanto atualmente se vê na Ásia, como prova do primitivo trabalho do homem, tudo isso é oriental.

A voz da Ásia tem sido a voz da religião. A voz da Europa tem sido a voz da Política. Cada um é grande em sua própria esfera. A voz da Europa é a voz da antiga Grécia. Para os gregos sua nação era tudo. Quem não falava sua língua era bárbaro e não tinha direito à vida.

Segundo os gregos, tudo isso que faziam era justo e perfeito; o resto que se fazia no mundo era incorreto. Não obstante, eram intensamente humanos em suas simpatias, intensamente naturais e, portanto, profundamente artistas.

O grego vive por completo neste mundo. Não sonha. Até sua poesia é prática. Seus deuses e deusas são intensamente humanos, com todas as paixões, sentimentos e emoções do homem.

Ama a beleza do mundo externo, das montanhas e das neves, das flores e das aves. Como foram os mestres dos posteriores povos europeus, a voz da Europa é um eco da Grécia.

Na Ásia, porém, a religião é uma coisa prática, tal como foi a vida de Cristo, como legítimo filho do Oriente: intensamente prática. Seu reino não é deste mundo, não se preocupa com as coisas perecíveis deste mundo e nem tem onde reclinar a cabeça. Não se entretém em interpretar os textos das Escrituras, mas sim em exortar aos povos que se preparem porque o reino dos céus se aproxima e o fim pode colhê-los de surpresa.

Cristo não fez da religião capa e máscara da vaidade, como se costuma fazer atualmente; a prova de que os cristãos não compreenderam o caráter de seu predileto Instrutor está em que uns o qualificam de revolucionário e comunista, outros o consideram o modelo do patriotismo judaico e outros ainda, de hábil político.

Entretanto, não há nos Evangelhos nada que justifique estas suposições; ao contrário, Ele aconselha a dar a César o que é de César, afirmando com isto o princípio da autoridade civil e não fazendo distinção entre gentios e judeus.

O melhor comentário da vida de Cristo é a sua própria vida e Atualmente, os cristãos anseiam pelas riquezas, pelo poderio, a fama, a posição social, quando deveriam modificar sua conduta a fim de não profanar com ela o nome do seu Instrutor.

Cristo não viveu ligado por laços de família. Quando lhe disseram que sua mãe e seus irmãos o esperavam fora, não se deteve para saudá-los nem os fez chegar onde Ele estava, exclamando: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos - “E estendendo a mão para os seus discípulos, disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos, porque todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meti irmão, minha irmã e minha mãe”.

E nas bodas de Caná, quando sua mãe lhe disse. que havia acabado o vinho, Ele respondeu: Que tenho eu contigo, mulher? Minha hora ainda não chegou”.

Cristo não tinha a sensação de sexualidade, nem havia chegado ao mundo como os outros homens, à semelhança dos animais, porque era a encarnação de Deus. Seu corpo era unicamente a expressão de sua alma, que nele atuava para o bem da humanidade. A alma não tem sexo.

Esse ideal, não obstante, pode estar muito longe do nosso alcance, mas não o devemos perder de vista, mantendo o propósito de realizá-lo algum dia.

Em sua vida, Cristo não teve outra ocupação nem outro pensamento além de que era puro espírito manifestado na carne, porém não sujeito a ela; com sua maravilhosa intuição, sabia que todo ser humano, homem ou mulher, judeu ou gentio, rico ou pobre, justo ou pecador, era a encarnação de seu próprio espírito, embora ainda não manifestado em sua plenitude, como Pai manifestava.

Assim, em sua oração do Pai, disse:

“Mas rogo não somente por estes, senão também pelos que hão de crer em min pela palavra deles, a fim de que todos sejam uma coisa, como tu, em mim ã Pai e eu em ti: que também sejam em nós uma só coisa”.

Isto não pode significar mais do que anelo de que chegue o dia em que, pela fé do Cristo, possam alcançar os crentes o reconhecimento de sua unidade essencial com Cristo e com Deus.

Desse modo, a obra capital de sua vida foi estimular em quantos o seguiam o reconhecimento dessa unidade essencial, dizendo-lhes: “O reino de Deus está em vós”. Equivalia a dizer-lhes que abandonassem as velhas e supersticiosas idéias de que eram vermes desprezíveis da terra e que podiam ser tiranizados como escravos, porque em seu interior estava o triunfante reino de Deus, o espírito divino, invulnerável, eterno, imortal.

Jesus jamais fala deste mundo, nem do aspecto do mundo senão para vituperar sua vaidade e exortar aos povos do mundo a que sigam avante em seu aperfeiçoamento, até alcançarem a resplandecente luz de Deus, até que todos reconheçam a divindade essencial de sua natureza e que fique vencida a morte e anulada a aflição, Não vamos discutir agora, se há algo de lendário no Novo Testamento, algo de mítico relativamente à vida de Jesus Cristo, nem nos importa que os Evangelhos datem de séculos depois de sua morte. O importante é a moral evangélica, idêntica no fundo à moral ensinada por todos os Instrutores que precederam a Cristo.

Há nos Evangelhos, a pesar de suas contradições, deficiências e discrepância nos pormenores, a manifestação de um poder espiritual que repele vitoriosamente as críticas dos eruditos e se um oriental, um hinduista adora a Cristo, adora-o unicamente porque nele adora a Deus. Se o adorássemos como um homem insigne, como um filósofo, um místico

ou um profeta, não teríamos direito nem motivos de adorá-lo; porém, podemos adorá-lo como encarnação de Deus?.

Dizem as Escrituras hinduístas:

“Estes excelsos filhos da Luz, que em si manifestam a Luz, que por si mesmos são a Luz, quando os adoramos, identificam-se por assim dizer conosco e nós com eles.”

De três modos o homem percebe a Deus. A princípio, a indisciplinada mente do homem inculto vê a Deus muito distante, nos altíssimos céus, sentado como juiz em seu trono; isto o torna amedrontado e cheio de pavor.

Não obstante, nada de prejudicial há nesse vulgar conceito de Deus, porque contrariamente ao que comumente se pensa, a humanidade não vai do erro à verdade, mas de verdade a verdade, ou melhor, de uma verdade inferior a outra superior; a verdade inferior, deficiente ou incompleta é denominada erro.

Imaginemos que marchamos diretamente em direção ao sol. Do solo terrestre, vemos o sol muito pequeno em relação ao seu verdadeiro tamanho; porém se formos adiantando nossa caminhada, vê-lo-emos cada vez maior até alcançar sua magnitude natural. Imaginemos também que, em diversas etapas do caminho tivéssemos fotografado o sol. Estas fotografias difeririam notavelmente umas das outras, mas seriam do mesmo sol.

Assim, todas as modalidades de religião, grosseiras ou refinadas, inferiores ou superiores, são sucessivas etapas no caminho que segue a humanidade em direção ao divino Sol da Verdade Absoluta, estais em mim e eu em vós”.

Portanto, a religião das massas incultas e vulgares de todos os países do mundo, deve ser e sempre tem sido a de um Deus extra-cósmico, que vive no céu governando o universo de seu trono, premiando os bons com a glória do céu e castigando os maus com as penas do inferno.

Quando o homem progride espiritualmente, reconhece que Deus não está fixo em um céu simbólico, mas sim por essência em toa parte, presença e potência; não está longe do homem e sim no seu interior, porque é a Alma das almas. Assim como a alma move o corpo, também Deus move as almas e os que alcançam um grau de espiritualidade muito alto vêm a Deus, segundo as palavras do próprio Cristo no Sermão da Montanha:

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”.

Ninguém poderá negar que as três maneiras de conceber a Deus estejam explicitamente indicadas por Jesus, o Cristo, pois na oração que ensinou aos seus discípulos mandou que dissessem:

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome” etc.

Era uma oração, a súplica de um filho em benefício dos povos em geral.

Porém, aos que estavam mais adiantados espiritualmente, dizia: “Eu estou em meu Pai, vós”.

Quando os judeus lhe perguntaram quem era, respondeu que era Filho de Deus, ao que aqueles disseram que blasfemava porque sendo homem se chamava Deus e dizia que era uno com Deus.

- Que queria Cristo dizer com isso?.

O mesmo que haviam dito os antigos profetas hebreus:

“Vós sois deuses e filhos do Altíssimo”.

É muito fácil deixar de ver nos ensinamentos de Cristo as três gradações do conceito de Deus. Vêm os Instrutores para ensinar-nos o caminho e dizem que as formas não são o

espírito e que não podemos conhecê-lo, por mais que nos aprofundemos em problemas de filosofia, pois melhor disposto está para conhecê-lo quem carece de erudição e nunca leu um livro em sua vida.

Para a salvação não há necessidade de ciência acadêmica, nem de riquezas, poderio ou fama. Só necessitamos de pureza, porque o espírito é puro por essência e não pôde ser de outra maneira, porque procede de Deus; por isso diz a Bíblia que o espírito é o sopro de Deus e o Corão afirma que é a alma de Deus.

Não obstante, está, por assim dizer, encoberto pelo pó das nossas ações e as obscuridades da nossa ignorância. Basta eliminarmos o Ego e as obscuridades, para que o espírito brilhe em todo o seu esplendor.

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.” “O reino de Deus está em vós.” “Não busqueis o reino de Deus aqui nem ali, porque está em vosso íntimo”.

Também ensinou Jesus, o Cristo, a renúncia como o melhor meio para eliminarmos as obscuridades que cobrem a luz do espírito como uma capa.

O jovem rico pergunta a Jesus:

- Ó bom Mestre, que farei para conquistar a vida eterna?.

Jesus responde:

Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus e se queres conquistar a vida eterna, guarda os mandamentos.

O jovem indaga:

Quais são?.

Jesus replica:

- Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás. Não dirás falso testemunhos.

Honra a teu pai e à tua mãe e ama o próximo como a ti mesmo.

Falou então, o jovem:

Tudo isso observei desde a minha adolescência. Que mais me falta?.

Respondeu Jesus:

- Se queres ser perfeito, anda, vende o que tens, dá aos pobres e terás tesouros no céu; vem e segue-me.

O jovem, porém, afastou-se muito triste, sem obedecer ao Mestre, porque era possuidor de muitas riquezas.

Todos nós somos mais ou menos como esse jovem. A Voz ressoa dia e noite em nossos ouvidos, no meio dos nossos prazeres e alegrias; no meio das coisas mundanas esquecemo-nos das espirituais até que em um momento de pausa ressoa em nossos ouvidos a Voz que aconselha: “Vende quanto tens e segue-me”.

“Todo aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á e todo aquele que por Mim perca a vida, a salvará”.

Porque todo aquele que renuncia a vida deste mundo por amor a Cristo, conquista a vida imortal.

No meio das nossas fraquezas, há um momento de pausa e a Voz diz: “Vende quanto tens, dá aos pobres e segue-me”.

Este é o ideal pregado por Jesus Cristo e este é o ideal pregado por todos os grandes Instrutores do mundo: Renúnciação.

Que devemos entender por renúnciação? Moralmente, a regra, o ideal é a ausência do egoísmo.

Quando nos ferirem em um lado do rosto, devemos apresentar o outro lado. Quando nos arrebatarem a túnica que possuímos devemos dar também a nossa capa. Devemos agir do melhor modo que pudermos, sem desviar-nos do ideal. Quando um homem está livre do egoísmo e renunciou aos bens materiais, tendo subjugado sua personalidade, torna-se uma encarnação de Deus, o homem ideal.

Não podendo ainda alcançar tão alto nível, devemos todavia, marchar empós do ideal até alcançá-lo, ainda que seja a custa de tropeços e quedas, porque consiste nos fins como também nos meios. A ausência do egoísmo, o altruísmo, a abnegação matam o velho homem, prevalecendo somente o Deus interno.

Todos os Instrutores são altruístas. Suponhamos que Jesus de Nazareth esteja pregando e alguém dele se aproxima, dizendo:

- Isto que ensinas é muito formoso. Creio que é o caminho da perfeição e estou disposto a observar o que dizes, porém não posso adorar-te como o único Filho de Deus.

Seguramente, Jesus responderia:

- Muito bem; segue empós do teu ideal e progride em teu caminho. A mim não importa se crês ou não em meus ensinamentos, pois não negocio com a religião nem sou mercador. Somente ensino a verdade, que não é propriedade exclusiva de ninguém. Deus é a verdade. É o que Cristo confirma, quando diz:

“Aquele que ouve minhas Palavras e nelas não crê, não é por mim criticado, porque não vim para julgar mas sim salvar o mundo”.

- Entretanto, os atuais discípulos de Cristo dizem- “Não importa que pratiquéis ou não os ensinamentos do Mestre, contanto que creiais nele. Se credes em Cristo sereis salvo; se não credes sereis condenados”.

Assim foram deturpados e corrompidos os ensinamentos do Mestre, ficando apenas a adoração à sua figura humana, sem se considerar que deste modo profanam a própria entidade que querem honrar e cuja idéia de crença e adoração, ao invés da prática dos ensinamentos, seria repelida por ela.

Que importa ao Instrutor se os povos se lembrem ou não dele, contanto que pratiquem os seus ensinamentos?. Veio dar sua mensagem e deu; daria também suas vinte mil vidas pelo homem mais miserável do mundo. Se, para salvar os homens, tivesse de sofrer mil tormentos e em cada tormento perder uma vida, sacrificar-la-ia em benefício do mundo, sem desejar que lembrassem do seu nome.

Porém os seus modernos discípulos dizem que, se não se crê no Mestre, não é possível a salvação, por mais perfeito que seja o homem.

De onde vem semelhante superstição? Vem do fato de pensarem os discípulos que Deus se manifesta só uma vez. Ali está o seu erro. Deus se manifesta no homem e o que sucedeu no passado, sucede na presente e há de suceder no futuro. Em a natureza tudo está sujeito a leis que, em igualdade de circunstâncias, regem invariavelmente.

Por isso, não só devemos ver a encarnação de Deus em Jesus de Nazareth, como também em todos os excelsos Instrutores que o precederam e em todos os que ainda hão de vir, pois todos são manifestações do Pai Infinito. Todos são puros e altruístas, lutam e dão sua vida pela humanidade. Todos são redentores de cada um de nós e de quantos hão de vir.

“Em certo sentido, cada ser humano que cumpre retamente seus deveres é um salvador e um redentor do mundo, embora em grau mínimo, porque, com seu esforço, contribui para o adiantamento espiritual da humanidade.

Os grandes Instrutores foram gigantes que carregaram um mundo inteiro sobre seus ombros.

Comparados com eles, somos pigmeus, embora desempenhemos um encargo da mesma natureza, porém em grau muito menor, pois em nosso pequeno raio de ação carregamos também a nossa cruz.

Porém, com todas as nossas malícias e nossos erros, nossos maus pensamentos, palavras e obras, há sempre um ponto brilhante, um resquício luminoso, onde principia o fio de ouro que nos une com o divino, pois se esse contato fosse perdido, sobreviria a aniquilação; todavia, como nada se aniquila, sempre há no mais recôndito do coração do mais degradado e abjeto ser humano um pontinho de luz em contato com o divino.

Louvor aos Instrutores, cujos ensinamentos e exemplos temos herdado, qualquer que seja a época e o país em que tenham pregado ao mundo!.

Louvor a quantos cooperam no plano divino, seja qual for sua religião, seu sexo, idade raça e país!.

Louvor àqueles que vieram impulsionar o progresso espiritual da humanidade!.

Ramakrishna

Declara Krishna no Bhagavad Gita: “Sempre que a virtude decai e o vício prevalece, eu renasço para o bem do mundo”.

Sempre que o nosso mundo, em virtude progresso ou de novas condições necessite de um reajustamento, sobrevêm uma vaga de energia nos dois planos, material e espiritual em que o homem vive.

Relativamente ao reajustamento ou restauração no plano material, a Europa possui primazia nos tempos modernos, ao passo que a Ásia, desde os albos da humanidade, mantém a do plano espiritual.

Atualmente, quando as idéias mundanas estão no pináculo de sua glória e poderio, em que o maquinismo, a técnica, a materialidade converteram o homem em uma máquina de fabricar moedas, olvidando sua natureza divina, torna-se necessária uma restauração espiritual.

A voz se fez ouvir e pôs em movimento a força que levará a humanidade a reconhecer sua verdadeira natureza. Desta vez, também, outra vaga de energia espiritual terá sua origem na Ásia.

- Assim como a criança, em sua ignorância, imagina que o brinquedo é a única coisa digna de ser cobiçada no universo inteiro, também uma nação, materialmente forte e poderosa, imagina que sua força e poderio material constituam seu único ideal, e que isso significa progresso e civilização. E se há outras nações que não possuam tal poder, qualificam-nas de mortas, negando-lhes o direito à vida, porque dizem que sua existência é inútil.

Não obstante, outra nação pode pensar que de nada serve a civilização estritamente material. Do Oriente partiu a voz que há séculos ensinou ao mundo que de nada vale ao homem possuir tudo que de ilusoriamente valioso exista debaixo do sol, se lhe faltar a espiritualidade.

O Ocidente é o tipo materialista ao passo que o Oriente é o tipo espiritualista. Cada um desses tipos tem suas glórias e grandezas e a atual restauração ou reajustamento das condições da nova época consistirá na harmonia e conciliação de ambos os ideais.

Para os orientais, o mundo do espírito é tão real como o mundo dos sentidos para os ocidentais. Os orientais encontram no mundo espiritual tudo quanto esperam ou desejam e encontram tudo aquilo que, para eles, dá realidade à vida.

O ocidental diz que o oriental é sonhador; o oriental, por sua vez, qualifica o ocidental de sonhador e diz que o mesmo se entretém com passatempos efêmeros e sorriem ao ver que homens feitos e honestos dêem tanta importância a um punhado de coisas materiais que, cedo ou tarde, terão que abandonar.

Porém o ideal do Oriente é tanto ou mais necessário do que o do Ocidente, para o adiantamento da humanidade.

As máquinas nunca deram nem dirão felicidade ao homem. Quem tentar convencer-nos disso dirá que a felicidade está na máquina, quando, na realidade, sempre está na

mente.

Basta que o homem seja senhor de sua mente para ser feliz. Além disso, qual é o poder do maquinismo?. Por que havemos de, qualificar de maquinismo insigne e inteligente ao homem capaz de transmitir uma corrente elétrica por um fio? Não faz a natureza um milhão de vezes mais a cada instante? Por que não se genuflecte o homem e adora a natureza?.

De que serve dominar o mundo inteiro e reger todos os átomos do universo. Esse poderio não dará felicidade ao homem, se não tiver em si a felicidade de haver dominado a si próprio. É certo que o homem nasceu para vencer a natureza; o ocidental, porém, crê que a natureza se limita ao mundo físico e externo.

É verdade que o mundo externo apresenta a majestosa imponência de suas montanhas, rios e oceanos, com suas múltiplas forças e variedades; mas a natureza interna do homem é ainda mais majestosa que a terra, o sol e as estrelas e nos oferece outro campo de estudo, em que sobressaem os orientais, como sobressaem os ocidentais no estudo da natureza material. Portanto, é lógico que do Oriente venha todo reavivamento espiritual. Assim, quando os orientais necessitam saber mecânica, precisam sentar-se aos pés dos ocidentais para aprender, do mesmo modo que os ocidentais quando necessitam saber algo de Deus, da alma e do mistério do universo, devem sentar-se aos pés dos orientais para aprender deles.

Antes de falar da vida do Instrutor que recentemente promoveu um reavivamento espiritual na Índia, é necessário descrever o caráter genuíno da Índia.

Somente pobreza, imundície, superstição, trevas e horrores verá em toda parte na Índia, aquele que, ofuscado pelo esplendor das coisas materiais, tenha por único ideal de sua vida comer, beber, gozar, possuir riquezas materiais e cujo deus seja o dinheiro; que apeteça o bem-estar, comodidades e languidez, sem nada olhar para além da morte, nem ver coisas superiora aos objetos das sensações em que vivem, porque, para eles a ilustração e a cultura consistem na moda, nas vestimentas, na cortesia urbana e nos convencionalismos da vida social.

Enquanto as nações ocidentais se esforçaram para melhorar sua posição material, a Índia procedeu de modo diverso. Ali vivem os únicos homens que, na história da humanidade jamais transpuseram suas fronteiras com o objetivo de conquistas, que nunca cobiçaram os bens alheios e cuja única culpa foi a fertilidade de suas terras e o acúmulo de riquezas adquiridas com o trabalho de suas mãos. Isso despertou a cobiça de outras nações que apareceram para despojá-los.

Resignaram-se ao despojo, sendo qualificados de bárbaros. Sua única vingança foi dar ao mundo inteiro a visão do Deus Supremo, revelar os segredos da natureza humana e descerrar o véu que ocultava o verdadeiro homem, porque conheciam aquilo que existe além do materialismo da vida humana, alentando a real e divina natureza do homem, que nem o pecado pode obumbrar, nem o crime corromper, nem a concupiscência deteriorar, o fogo queimar, a água molhar ou a morte matar.

Para os orientais, tão real é a verdadeira natureza do homem, como um objeto material O é para os ocidentais. Assim como estes têm a coragem de atirar-se à boca de um canhão dando vivas à sua pátria e por ela morrendo, também têm aqueles o valor de dar sua vida por Deus. Quando o oriental declara que este é um mundo de ideais, que toda matéria é ilusória, renuncia aos bens terrenos para demonstrar a verdade de sua crença.

Há na Índia quem, certo de que a vida da alma é eterna, senta-se à margem de um rio e fica disposto a desprezar seu corpo, como um ocidental despreza uma folha de palha. - Seu heroísmo consiste em enfrentar a morte como uma irmã, porque tem a convicção da imortalidade da alma. Aí está a fortaleza que o torna invencível e lhe dá resignação, para suportar séculos de escravidão e tirania estrangeira.

Todavia, a Índia é forte e mesmo nas épocas dos seus mais tremendos desastres, nunca deixaram de florescer ali espíritos gigantes, porque o Oriente produz gigantes em espiritualidade, como o Ocidente os produz em política e ciência.

Em princípios do século XIX, quando começou a deixar-se sentir na Índia a influência do Ocidente e os conquistadores, de espada em punho, vieram convencer os netos dos sábios que eram puros bárbaros, uma raça de sonhadores, que sua religião era mitológica e que Deus, a alma e tudo em que acreditavam eram meras palavras sem sentido e que a secular renúncia era vã. A juventude universitária agitou-se, discutindo se a vida nacional havia sido - até então um fracasso, ou se deviam acomodar-se aos costumes do Ocidente, rasgar seus antigos livros, abandonar suas filosofias, desprezar seus pregadores e derruir seus templos.

O conquistador ocidental, que demonstrava a sua religião com espadas e fusas, não dizia que os antigos costumes eram superstição e idolatria? Os jovens educados nas novas escolas assimilaram estas idéias e não é de estranhar que tais dúvidas se erguessem em suas mentes. Ao ouvir dos lábios dos ocidentais que era preciso abolir o sacerdócio e queimar os Vedas, o povo foi invadido por um sentimento de inquietude, de onde surgiu uma onda de reforma e restauração.

O verdadeiro renovador deve reunir em si três qualidades: compadecer-se da grande miséria, ignorância e superstição existentes no mundo; convencer-se de que todos os homens são irmãos e achar o remédio para os males do mundo.

As velhas idéias podem ser supersticiosas; porém, entre as escórias da superstição talvez se encontrem algumas pepitas de ouro da verdade. O reformador deve descobrir o modo de separar o ouro da escória e estar seguro de que os motivos que o induzem a agir não são a cobiça das riquezas, nem a fama, nem o poderio e deve estar convencido de que se manterá firme em seus Ideais, embora o mundo inteiro se revolte contra ele.

Há de saber e conhecer o que deseja, cumprir o seu dever, mesmo à custa de sua vida e perseverar na obra enquanto palpitar seu coração.

Tal é o verdadeiro reformador, o Mestre, o Instrutor, a bênção do gênero humano. Geralmente, porém, o homem é tão impaciente que não sabe esperar e quer aproveitar-se do resultado egoisticamente, sem pensar nos demais. Não quer cumprir seu dever por amor ao dever.

A onda reformadora levantou-se na Índia, quando o materialismo invadiu seu território, ameaçando arrasar os ensinamentos dos sábios; porém, como o espírito religioso da nação havia resistido ao das invasões anteriores, a tarefa foi relativamente suave.

A nação hindu não pode morrer e subsistirá imortal, enquanto seus filhos não perderem sua espiritualidade.

O moderno reformador, o Instrutor do nosso tempo, foi Sri Ramakrishna, nascido a 18 de Fevereiro de 1836, em uma aldeia distante de Bengala, na época em que se inauguravam algumas reformas políticas e sociais no país.

Seus pais eram hinduístas ortodoxos da casta dos brâmanes. Digamos de passagem

que a vida de um brâmane ortodoxo é de contínua renúncia, pois não pode exercer nenhuma profissão profana, receber donativos nem presentes de quem quer que seja.

Os brâmanes são a classe mais pobre do país e o segredo de seu poder está precisamente na renúncia. Apesar de sua pobreza, a mulher de um brâmane nunca deixará passar por sua aldeia um esmolar, sem dar -lhe algo de comer; este é considerado o principal dever da mulher na Índia.

Os hinduístas ortodoxos vivem inteiramente dentro de seu horizonte de pensamentos e emoções, ajustados aos seus antigos livros em todos os pormenores, aos quais se aferram com inabalável firmeza, preferindo morrer de fome do que comer um alimento preparado por quem não for de sua casta.

O caráter dos pais de Ramakrishna era muito semelhante ao que acabamos de descrever. Apesar de sua pobreza, sua mãe ficou alguns dias sem comer, por ter dado sua ração a um mendigo.

Ramakrishna, desde sua infância, distinguia-se vantajosamente dos outros meninos, pois recordava suas vidas passadas e tinha consciência da missão que vinha desempenhar neste mundo e tudo fazia para cumpri-la. Era ainda muito jovem, quando seu pai morreu, tendo sido enviado à escola como convém a todo filho de brâmane, pois a casta os obriga a uma profissão erudita.

O antigo sistema de educação na Índia, embora predominante em muitas partes do país, é muito diferente dos sistemas modernos. O estudante não é obrigado a pagar matrícula, pois o conhecimento é considerado coisa tão sagrada, que não é lícito comprá-lo, nem vendê-lo, mas sim ministrá-lo livre e gratuitamente.

Os mestres costumam admitir discípulos sem retribuição alguma e a maior parte deles ainda lhes fornece roupa e alimentação, donativos das famílias abastadas, por ocasião de bodas ou funerais.

Na escola freqüentada por Ramakrishna, os mestres ensinavam lógica, astronomia e outras ciências, em termos superiores ao desenvolvimento intelectual do rapaz que, pelo que viu e ouviu, chegou à conclusão de que os esforços dos alunos para aprender tinham por objetivo alcançar no futuro uma boa posição social e ganhar muito dinheiro. Por essa razão, manifestou seu firme propósito de não mais ir à escola.

Não obstante, o irmão mais velho de Ramakrishna, que exercia o magistério em Calcutá, chamou-o para que continuasse os estudos ao seu lado. Em breve, o jovem notou que o objetivo do ensinamento secular não era outro senão o adiantamento material; por isso resolveu abandonar os estudos e dedicar-se exclusivamente ao conhecimento espiritual.

Como o seu progenitor havia morrido e a família era muito pobre, o rapaz teve que ganhar a vida e chegou a ser o sacerdote - guardião de um templo das cercanias de Calcutá. Entretanto, esse emprego era muito humilhante no conceito dos brâmanes, pois os templos da Índia não são como as igrejas do Ocidente, dedicadas ao culto público; são construídos com os donativos de alguma pessoa rica como louvável ato religioso, colocando-se ali um símbolo ou imagem de uma encarnação de Deus.

Nesses templos, o culto é muito semelhante ao das igrejas do catolicismo romano, algo parecido com a missa, com leitura de passagens das Escrituras Sagradas e respeitosa veneração à imagem.

Os que freqüentam o templo não são considerados melhores do que aqueles que lá não vão; ao contrário, gozam até de melhor conceito, porque, na Índia, religião é assunto de

consciência particular.

Em todas as casas, há um oratório independente da habitação, onde os membros da família vão pela manhã e à tarde, a fim de entregar-se à meditação durante algum tempo e de modo que ninguém fique ao par dos seus pensamentos.

Quem não pode ter oratório em casa, dirige-se às margens de um rio, de um lago ou do mar, quando mora por aí e se, por acaso, entra em um templo, é apenas para saudar a imagem.

Desde tempos mui remotos, segundo prescreve o Código de Manu, ser sacerdote de um templo é ocupação considerada, indecorosa pois deve viver dos honorários pagos pela família proprietária do templo e isto dá idéia de comércio com coisas sagradas.

Portanto, é de se imaginar o constrangimento de Ramakrishna, ao ver-se na necessidade de aceitar o único emprego que lhe apareceu para manter sua vi da corporal.

Houve em Bengala, vários poetas, cujos cantos passaram para o domínio popular espalhando-se nas aldeias e ruas de Calcutá. A maioria é composta de cantos religiosos e seu tema capital é o reconhecimento de Deus.

O ambiente indiano é fértil em histórias de pessoas que, por Sua santidade, tiveram a visão de Deus e escreveram o que sentiam, em livros não redigidos pelo entendimento, mas sim pela emoção, de sorte que seu significado só pode ser compreendido por quem alcançou o mesmo nível intelectual do tutor.

A idéia capital da religião é o reconhecimento de Deus e, por isso, vemos alguns dotados de eloqüente oratória e argumentos profundos pregarem os mais sublimes ensinamentos, sem chegarem ao coração dos ouvintes, ao passo que um pobre homem, sem outra linguagem, senão a vulgar, conquistar a veneração povo que, ainda em vida, já o adorava como encarnação de Deus.

Na Índia, quando de um modo ou de outro espalha-se a notícia de que um homem chegou ao conhecimento de Deus; que a religião para ele é profunda certeza e não conjectura e que não tem dúvida alguma a respeito de Deus e da Imortalidade da alma, corre para junto dele gente de toda parte para adorá-lo.

No templo que Ramakrishna custodiava, havia uma imagem da Mãe do Mundo, cujo culto presidia pela manhã e à tarde o jovem sacerdote, em cuja mente aos poucos foi brotando esta idéia: “Existe algo jacente nesta imagem- E é verdade que existe uma Mãe de Bem-aventurança no universo- É verdade que vive e regula o universo ou tudo não passa de um sonho- A religião será uma realidade”.

Este cepticismo assaltou Ramakrishna, o mesmo cepticismo próprio dos hinduistas que, por falta de discernimento, duvidam se a realidade ou ilusão aquilo que fazem na vida. Não lhes satisfazem as teorias e especulações metafísicas a respeito de Deus e da alma. A única coisa que lhes satisfaz é o conhecimento de Deus.

A mente ocidental pode julgar que tudo isto é importante; mas para os hinduistas é sumamente prático e pela realização desta idéia dariam a vida. Desde os primitivos tempos houve quem renunciou ao mundo e se retirou para as cavernas, ou derramou lágrimas amigas de aflição à margem dos rios sagrados, para realizar dita idéia, não para conhecer, no sentido intelectual da palavra nem andar às cegas na obscuridade, mas para convencer-se de sua divina natureza essencial, por introversão.

A vida é transitória, tanto para o sábio, como para o anjo, para o ignorante, como para o animal, para o milionário e o indigente, o rei e o mendigo.

O hinduista só vê em Deus e na religião a possibilidade de resolver o problema da vida. Se Deus existe e a religião é uma verdade, a vida fica explicada, torna-se suportável e até agradável. Se não há Deus e a religião é um desvario, a vida é carga inútil e insuportável.

Tal é a idéia hinduista, embora nenhum raciocínio, por lógico que pareça, possa demonstrar. O resto demonstrará sua possibilidade. A mais sólida argumentação, que a mente humana pode empregar em qualquer ramo de conhecimento só chega a apresentar a probabilidade de um fato. As mais demonstráveis hipóteses da ciência física são apenas possibilidades. e não fatos, porque os fatos se circunscrevem aos sentidos e não ao juízo.

Os fatos devem ser percebidos; do mesmo modo, os hinduistas devem perceber a religião para convencer-se de sua verdade. Devem perceber os fatos da religião para conhecer que são fatos.

São unicamente suas próprias percepções e não argumentos que podem dar realidade as coisas espirituais e nelas afirmar sua crença com a imobilidade de uma rocha.

Esta idéia apoderou-se de Ramakrishna, o qual, dia e noite chorava diante da imagem dizendo, como se ela lhe respondesse: Mãe, é verdade que tu existes ou tudo é poesia? A Mãe do Mundo é uma imaginação de poetas, de pessoas alucinadas ou é uma realidade?”.

Já sabemos que Ramakrishna não possuía cultura livresca e escolar, tendo, portanto, sua mente mais sã e natural, pensamentos mais puros, livres de influências alheias.

Precisamente por não haver cursado a Universidade, sabia pensar por si mesmo; o que não acontece conosco, que temos a mente repleta de pensamentos alheios, por termos cursado universidades.

A idéia da possibilidade de ver Deus foi se afirmando cada vez mais em sua mente, até que não pode pensar noutra coisa. Não lhe era possível conduzir devidamente o culto, riem atender a todos os pormenores do serviço do templo. As vezes esquecia de colocar a oferenda ante a imagem; outras vezes esquecia de acender a lâmpada ou deixava-a acesa durante muitas horas, descuidando-se ainda de outras coisas.

Cada dia falava com a imagem, dizendo-lhe: “Ó Mãe! É verdade que existes? Por que não falas, Estás morta?”.

Há momentos na vida em que, cansados dos raciocínios de uma lógica pesada e estéril, fatigados de esquadrihar livros que, por outra parte nada ensinam, invade-nos uma espécie de sopor, semelhante ao dos tomadores de ópio e exclamamos: “Não haverá no mundo alguém que possa mostrar-me a luz? Se há, por que não fala? Por que razão Deus se esconde dessa maneira e se limita a enviar Mensageiros, ao invés de vir pessoalmente? Neste mundo de lutas e tumultos a quem devemos seguir e em quem devemos crer? Se és o Deus de todos os homens, por que não vens falar com teus filhos?”.

Todos nós temos esses momentos de profunda depressão; porém são tantas as tentações que nos rodeiam que logo os esquecemos. Por uns instantes parece que as portas do céu iam abrir-se e nós fossemos mergulhar na sua luz deslumbrante; porém o homem animal sacode logo essas visões celestes e volve à vida sensual.

Não obstante, há mentes excepcionais que retrocedem tão facilmente, ante qualquer tentação interposta em seu caminho, pois desejam ver a Verdade e sabem que a vida terrena há de acabar. Por isso empenham-se em subjugar o homem inferior e ~e modo resolvem o problema da vida e da morte, do bem e do mal.

Finalmente, foi impossível a Ramakrishna continuar servindo no templo. Por isso, retirou-se para um bosque próximo, sem que nem mesmo ele soubesse como ia viver, pois perdeu a noção do tempo e não se lembrava de sustentar o corpo, embora um carinhoso parente cuidasse dele e lhe pusesse na boca alimentos que ele ingeria automaticamente.

Desse modo, transcorreram dias e noites. Ao entardecer, quando ouvia o badalar dos sinos do templo e o canto dos hinos religiosos, ficava triste e exclamava: “Mais um dia passado em vão, ó Mãe, pois tu não vieste. Passou mais um dia desta curta vida e ainda não conheço a Verdade”. Torturado pela angustia, às vezes prostrava-se de rosto contra o solo e dizia chorando: “Manifesta-se em mim, Mãe do Universo. Vê que eu necessito de ti e de ninguém mais”.

Realmente, desejava ser fiel ao seu Ideal. Tinha ouvido dizer que a Mãe nunca vem, enquanto não se renuncia tudo por ela e que a mesma de seja manifestar-se em todo ser humano; entretanto não sabem recebê-la, pois preferem toda sorte de ídolos vãos para adorar a satisfazer seus gostos, embora a mesma se manifeste, quando o ser humano a deseja com todas as forças da alma.

Foi assim que, possuído por essa idéia quis agir com retidão em todas as coisas da vida terrena, repudiando a toda mesquinhez deste e fazendo Voto de que em sua vida não tocaria na menor moeda.

Talvez pareça incrível, mas o certo é que depois de algum tempo, se enquanto ele dormia eu lhe encostava uma moeda na mão, esta cerrava automaticamente e todo o seu corpo ficava paralisado.

Igualmente considerava a luxúria um inimigo tão perigoso quanto a avareza. O verdadeiro homem é uma alma e a alma não tem sexo. Julgava que a idéia de sexo e de dinheiro impediam a visão da Mãe do Universo, dizendo que este é a sua. manifestação e que ela vive no corpo de toda mulher, não sendo portanto possível pensar sexualmente nas mulheres.

Mais tarde ainda me dizia: “Meu filho, supõe que no aposento contíguo haja um ladrão, crês que o ladrão poderá dormir? Não poderá. Sua mente estará continuamente dominada pela idéia fixa de entrar no outro aposento e apoderar-se do ouro. Portanto, crês que quem esteja firmemente convencido de que haja uma Realidade atrás de todas estas aparências, de que há um Deus, um Ser Eterno de infinita felicidade em comparação com o qual os gozos dos sentidos são simples ninharias, possa estar satisfeito se não se esforçar por alcançá-lo? Poderá cessar seus esforços, mesmo por um momento? Não! Ficaré louco pelo que deseja”.

Essa divina loucura apoderou-se de Ramakrishna. Não tinha mestres e ninguém lhe ensinava coisa alguma. Todos os seus pensamentos eram próprios e todos os seus conceitos religiosos eram originais.

Quando um homem renuncia às vaidades do mundo, é taxado de louco; porém esses loucos são o sal da terra. De semelhante loucura surgiram as forças impulsionadoras do mundo e surgirão as que hão de impulsioná-lo no futuro.

Dias, semanas e meses passou aquela alma em luta para conhecer a Verdade. Ramakrishna começou a ter visões e principiou a desvendar os segredos de sua verdadeira natureza. Veu após, veu caía de sua vista e a Mãe do Universo foi seu mestre, iniciando-o nas verdades que buscava.

Certa ocasião, aproximou-se de Ramakrishna uma mulher de formosa aparência e a

todos respeitos instruída, como se fosse a própria erudição encarnada.

Nisto observamos uma característica peculiar à nação Indiana. No meio da ignorância em que vive na Índia a maioria das mulheres, no seio daquilo que os ocidentais chamam de escravidão feminina, pode destacar-se uma mulher de suprema espiritualidade, como aquela que foi visitar RamaKrishna no bosque. Era uma sanyasi, porque também há mulheres que renunciam ao mundo e aos seus bens de fortuna, permanecem solteiras e dedicam-se à adoração de Deus.

A ajuda dessa mulher foi o primeiro auxílio que Ramakrishna recebeu em sua solidão. Desde logo compreendeu o que o conturbava e lhe disse: “Meu filho, bendito é o homem que desse modo enlouquece.

Todos neste mundo estão loucos: uns pela riqueza, outros pela fama e por mil outras coisas. Enlouquecem pelo ouro, pelas mulheres, pelos homens, por ninharias, por tudo, menos por Deus. Quando um homem enlouquece pelo ouro, dizem que é honrado e o adulam; porém, se enlouquece pelo amor a Deus, como podem compreendê-lo?. Por isso dizem que estás louco, porém tua loucura é a melhor sensatez. Bendito é aquele que enlouquece por Deus. Desses há poucos”.

Aquela mulher permaneceu alguns anos com Ramakrishna, ensinou-lhe as diversas modalidades religiosas da Índia e as diferentes práticas da Yoga; disciplinou sua mente e canalizou aquele caudaloso rio de espiritualidade.

Mais tarde, apareceu no bosque um sannyasi, filósofo idealista que não acreditava que este mundo existisse em realidade e para demonstrá-lo vivia sempre ao ar livre sem jamais entrar sob um telhado nem ter, como não teve Cristo, onde reclinar sua cabeça. Aquele filósofo foi ensinar a Ramakrishna a filosofia dos Vedas e notou com grande surpresa que o discípulo, em pouco tempo, era muito mais sábio que o mestre.

Esteve alguns meses com Ramakrishna e partiu depois de iniciá-los na ordem dos sannyasis.

Quando estava a serviço do templo, julgaram que sua extraordinária devoção lhe havia alterado o juízo; seus parentes levaram-no para casa e casaram-no com uma moça da vizinhança para ver se desse modo ele recuperava o equilíbrio; porém ele voltou ao templo, com intensificado fervor, conforme vimos.

É freqüente na Índia o uso dos pais casarem seus filhos desde a meninice, sem consultar-lhes a vontade, mas por acordo entre ambas as famílias, de modo que muitos desses matrimônios não se consumam e ficam apenas meros esponsais, como sucedeu neste caso.

Embora formalmente casados, cada um continua vivendo em casa de seus pais e não coabitam enquanto a mulher não atinge certo estágio.

Porém, no caso que nos ocupa, quando a esposa de Ramakrishna chegou à idade conveniente, ele já havia esquecido por completo esse casamento. A esposa soube que ele havia se dedicado com fervor à vida religiosa e até era tido por louco.

Por esse motivo, quis averiguar pessoalmente a verdade e foi procurar seu esposo. Este reconheceu imediatamente o direito que tinha ela de reclamá-lo como marido e prostrando-se aos seus pés disse-lhe:

- A Mãe Santíssima mostrou-me que vive em toda mulher e por isso aprendi a vê-la em toda mulher.

Este é o único conceito que tenho de ti, mas se queres levar-me para o mundo, como

sou teu marido, estou às tuas ordens.

A esposa, de alma nobre e pura, compreendo as aspirações de seu marido, simpatizou-se com ele e respondeu imediatamente que não era sua intenção levá-lo à vida mundana, mas viver castamente ao lado dele e aprender o que ele lhe ensinasse. Assim chegou ela a ser uma sua fervorosa discípula e o reverenciou como um ser divino. Desse modo, tombou a única barreira que o impedia de seguir livremente o caminho que havia escolhido.

Movido pelo fervoroso desejo de conhecer a verdade a respeito das diversas religiões, pois nada sabia delas, exceto a sua, procurou instrutores das outras religiões, não em livros carcomidos, mas em homens que as professassem sinceramente e as conhecessem por experiência pessoal, de primeira mão.

Encontrou um santo tibetano e com ele foi viver seguindo instruções, cujo assombroso resultado de sua prática fiel foi atingir o mesmo nível espiritual já alcançado por método diferente.

O mesmo resultado experimentou ao seguir a genuína religião de Jesus, o Cristo, e ao observar de todo coração os ensinamentos das demais religiões e suas respectivas seitas.

Assim, por experiência efetiva, adquiriu a íntima convicção de que todas as religiões conduzem ao mesmo ponto final e que todas ensinavam essencialmente o mesmo, embora houvesse diferença de método e principalmente de linguagem.

No fundo, todas as religiões e todas as seitas têm a mesma aspiração e seus ministros e representantes só se hipnotizam com o propósito egoísta de que prevaleça o nome a denominação da respectiva modalidade do seu sentimento religioso, sem ligar a mínima importância ao imperativo verdade.

Dois ministros de religiões diferentes pregam a mesma verdade e um deles diz aos fiéis: “Não escuteis o que diz esse outro por não ser verdade, pois eu ali não coloquei o selo do meu nome”.

Foi isto que observou Ramakrishna, meu mestre, e desde então exercitou-se na virtude da humildade, porque havia visto que a idéia capital de todas as religiões era a abnegação e que quanto menos o homem pensa em sua personalidade mais de enche do espírito de Deus.

Viu Ramakrishna que esta era a verdade essencial de todas as religiões e ficou disposto a realizá-la.

Segundo já dissemos, quando queria realizar algo não se entretinha em iludir-se com formosas teorias, mas empreendia a prática imediatamente.

É muito freqüente ouvirmos sublimes teorias a respeito de fraternidade, igualdade, direitos alheios.

Ramakrishna queria a prática e não a teoria.

Próximo ao bosque, vivia uma família de párias. Há na Índia milhões de párias, os quais, de tal modo são desprezados pelos indivíduos das quatro castas que, se um brâmane, ao sair de sua casa, encontra-se frente a frente com um pária, sente-se contaminado e passa a jejuar durante aquele dia inteiro, recitando certas orações para recuperar seu caráter sagrado.

Quando um pária entra em uma povoação, é obrigado a pôr uma pena de corvo no turbante e gritar:

“Retirai-vos que o pária vai passar.” Nesse momento, todos que se acham na rua

correm, porque se alguém esbarra por acaso em um pária, deve banhar-se mudar de roupa e fazer outras cerimônias para eliminar a contaminação. E o pária crê efetivamente que o trato que recebe é justo e que seu contato contamina as pessoas de casta.

Pois bem, Ramakrishna foi ver a família pária e suplicou-lhe que permitisse fazer a limpeza de casa.

Devemos lembrar que o ofício dos párias é varrer as ruas e prestar os serviços de limpeza nas casas, onde só podem entrar pela porta dos fundos.

Quando terminam sua tarefa e vão embora, os donos da habitação purificam com água do Ganges as marcas dos pés do pária.

É de se imaginar o assombro daquela família pária, diante do pedido de Ramakrishna, sabendo, como sabiam, que ele pertencia à casta dos brâmanes; por isso, aquelas pessoas recusaram o pedido temerosas de incorrer num gravíssimo pecado e morrer aniquiladas se consentissem que um brâmane lhes limpasse a casa.

Apesar da recusa, Ramakrishna aproveitou-se das sombras da noite, para penetrar a desoras em casa dos párias e varrer o solo com sua longa cabeleira, dizendo: “Ó Mãe Santíssima, fazei-me o servo dos párias; fazei-me sentir que ainda sou menos que um paria”.

Na verdade, dizem as Escrituras hinduístas:

“Melhor Me adoram aqueles que adoram aos Meus adoradores. Esses são Meus filhos e Me comprazo em servi -los”.

Um dos mais persistentes propósitos de Ramakrishna foi eliminar de sua mente a idéia de sexualidade, porque a alma não tem sexo e quem deseja atingir o Espírito não deve distinguir sexo.

Como Ramakrishna havia nascido em um corpo masculino, propôs levar a idéia da feminilidade a todas as coisas e pôs-se a imaginar que era mulher, vestindo-se e falando como as mulheres; abandonou toda ocupação masculina e viveu em companhia das mulheres de uma honrada família até que, ao cabo de alguns anos dessa disciplina, eliminou de sua mente toda idéia de sexualidade tendo a vida assumido um novo aspecto para ele.

No Ocidente, rende-se culto à mulher por sua formosura e juventude; Ramakrishna, porém venerava as mulheres simplesmente porque via nelas Mãe Santíssima. As vezes, prostrava-se aos pés de uma mulher de culta sociedade e desfeito em lágrimas, dizia: “Mãe, em uma forma passas pela rua e em outra forma és o universo. Eu te saúdo, ó Mãe”.

Admiramos a bem-aventurança índole desse temperamento, despojado de toda carnalidade e que podia contemplar com reverente amor a todas as mulheres, porque o rosto delas, para ele, se transfigurava no da Mãe Santíssima, a Protetora da humanidade.

Jamais pode ficar profanada a divindade subjacente de uma mulher. Sempre se declara e infalivelmente é descoberta a fraude e a hipocrisia e a santidade da pureza sente sem equivoco o calor da verdade, a luz da espiritualidade necessária para se alcançar a verdadeira espiritualidade.

Ramakrishna possuiu essa imaculada pureza, susteve todas as lutas que sustentamos em nossa vida e as custosas jóias de espiritualidade, pelas quais havia dado três quartas partes de sua vida, estava disposto a entregar à humanidade. Foi então que começou a sua missão.

Seus ensinamentos e seus sermões foram muito singulares. Na Índia, um instrutor é muito venerado e honrado como ao próprio Deus, ainda do que o pai ou a mãe, pois os

progenitores nos dão o corpo, ao passo que o instrutor nos assinala o caminho da salvação. Somos considerados seus filhos, nascidos da estirpe espiritual do instrutor.

Todo hinduista se apressa em apresentar seus respeitos a um instrutor extraordinário e o povo se aglomera ao seu redor.

Ramakrishna era um instrutor, porém não cuidava que o venerassem ou não, pois não tinha a menor idéia de que fosse um admirável instrutor e estava convicto de que a Mãe Santíssima fazia tudo por ele. Por isso dizia: “Se algo de bom sai dos meus lábios, quem o diz é a Mãe Santíssima e não eu”. Tal era a opinião que tinha de sua obra e assim se manteve até a morte.

Jamais procurou prosélitos. Sua norma era primeiramente formar o caráter, afirmar a espiritualidade, para que os resultados dimanassem espontaneamente.

Sua comparação favorita era esta: “Quando se abre o lotus, as abelhas acodem por seu próprio instinto para libar o néctar. Assim, quando se abre o lotus do vosso caráter, por si mesmo dará s resultados.

Esta é uma lição muito proveitosa. Meu mestre ensinou-me centenas de vezes e entretanto a esqueci amiudadas vezes.

Poucos avaliam o poder do pensamento e só pode ensinar quem tem algo que dar, porque o ensinamento não consiste em palavrorio mas na comunicação da espiritualidade, tão positivamente como a entrega de um objeto material.

Esta idéia é antiquíssima na Índia e tem sua semelhança no Ocidente na crença da sucessão apostólica.

Assim pois, antes de tudo devemos reformar o caráter para depois conhecer a Verdade pessoalmente a fim de ensiná-la aos que não a conheçam, sem criticar aos demais.

Durante muitos anos, vivi com Ramakrishna e jamais ouvi sair de seus lábios uma palavra de condenação contra qualquer modalidade religiosa, pois com todas simpatizava, porque havia descoberto a harmonia entre elas.

Um homem pode ser intelectual ou devoto, místico ou ativo, pois as diversas religiões representam um ou outro desses tipos, embora seja possível que em um homem concorram as quatro circunstâncias. A esta síntese caminha a humanidade. Tal era a idéia de Ramakrishna. A ninguém condenava e via em todos o luminoso aspecto da bondade.

Milhares de pessoas procuravam ver e ouvir esse homem extraordinário que falava em linguagem popular, porém carregada de energia e luz.

Porque não é o que se diz nem muito menos a linguagem que emprega que dá importância ao seu autor, mas sim sua personalidade refletida em suas palavras.

As vezes ouvimos eloqüentes discursos, perorações lógicas e brilhantes conferências que não comovem nosso Animo nem influem em nossa mente.

Outras vezes, porém, ouvimos algumas palavras, em linguagem singela, que penetram em nosso íntimo e produzem resultados permanentes.

As palavras de um homem que ponha toda sua personalidade nelas, produzirão extraordinária impressão se for extraordinária sua personalidade.

Todo ensinamento implica doação e recepção, porém o mestre há de ter algo que dar e o discípulo há de estar disposto a receber.

Segundo ficou dito, Ramakrishna residia nas vizinhanças de Calcutá, a primeira cidade universitária da Índia, de onde saíam anualmente, centenas de cépticos e materialistas; porém, muitos desses universitários cépticos e agnósticos iam ver

Ramakrishna.

Sua fama chegou também aos meus ouvidos e procurei escutá-lo. Seu aspecto era o de um homem como outro qualquer, sem que nada de extraordinário despertasse a atenção. Falava com singeleza e eu pensei: “Pode este homem ser um grande instrutor?” Aproximei-me e perguntei -lhe o mesmo que tantas outras vezes havia perguntado a outros:

Crês em Deus?.

- Creio.

- Podes provar-me.

- Sim.

- Como?.

- Porque vejo a Deus do mesmo modo que vejo a ti, porém mais intensamente.

Esta resposta causou-me vivíssima impressão. Pela primeira vez em minha vida, encontrava um homem que se atrevia a dizer que havia visto Deus, que a religião era uma realidade que podemos sentir e experimentar de um modo infinitamente mais intenso do que as sensações do mundo.

Desde então compareci diariamente às palestras de Ramakrishna e vi positivamente que era passível comunicar a religião e que um toque, um olhar, são capazes de transmutar uma vida Inteira.

Eu havia lido que Buda, Cristo, Maomé, os grandes luzeiros religiosos, dos antigos tempos curavam com sua palavra os enfermos e aleijados; ao ver e ouvir Ramakrishna compreendi que podia ser certo o que havia lido e todo o meu cepticismo desapareceu.

Meu mestre costumava dizer: “A religião pode ser dada e recebida mais efetiva e tangivelmente do que qualquer coisa neste mundo”.

Religião não é palavrório, não é doutrina, teoria, sectarismo, nem pode ser encerrada em congregações e igrejas. É a relação entre a alma e Deus. Como pode limitar-se a uma sociedade humana?.

Enquanto se ecleslastiza, a religião degenera em negócio e perde a espiritualidade, deixa de ser verdadeira religião.

Não consiste a religião em construir templos, assistir o culto cerimonial, nem tampouco se encontra em livros, conferências, associações. Consiste no reconhecimento e prática da verdade.

Todos sabemos que nada nos satisfaz, enquanto não encontramos a verdade por nós próprios. Por muito que argumentamos e por muito que ouçamos os argumentos alheios, somente nos satisfará o conhecimento experimental da verdade por nós mesmos e isto pode conseguir quem estiver disposto a perseverar neste propósito.

O primeiro passo neste caminho é a renúncia. Devemos renunciar a tudo que não seja absolutamente indispensável à vida fisiológica. Não é possível conciliar a luz com as trevas, nem os gozos do mundo com as delícias de Deus. Não é possível servir a Deus e a Mammon.

A Segunda idéia que aprendi do meu Mestre, porventura a mais vital, foi admirável verdade de que as religiões professadas no mundo não são antagônicas, nem contraditórias, mas sim diversas fases da única e eterna Religião, que se adapta a todos os planos de existência e à mentalidade de vários povos em diferentes épocas da história do mundo.

É impróprio e errôneo qualificar de nacional a religião de um país, como se fora peculiar de tal país, como o seu idioma ou seus costumes, porque, em verdade, não há

religião própria e exclusiva de ninguém, pois todas são essencialmente a única Religião existente de toda a eternidade, que se manifesta de vários modos em diferentes países.

Portanto, devemos respeitar todas as religiões e aceitá-las tais como são, porque a religião não só se manifesta segundo a raça e a situação geográfica, como também em relação às possibilidades individuais.

Em uns a religião se manifestará como ação, em outros como devoção, em outros como conhecimento, etc.

Ninguém deve vituperar aos demais por não seguirem suas idéias religiosas. O que convém é reconhecer que a verdade é uma e múltipla ao mesmo tempo. Podemos ter diferentes visões da verdade, segundo o ponto de vista em que nos colocamos; assim, ao invés de antagonismos com os demais teremos simpatias com todos eles.

Reconhecendo que, enquanto houver tão vários temperamentos neste mundo, a mesma verdade religiosa requererá diversas adaptações, compreenderemos que estamos obrigados a suportar-nos mutuamente.

Assim como a natureza é unidade na variedade, uma infinita variação no fenomenal e que esta infinita variedade se sintetiza na absoluta, unidade, assim também sucede em cada ser humano, porque o microcosmo é uma repetição em miniatura do macrocosmo e, apesar de todas as discrepâncias de opinião, que não são mais que diferentes pontos de vista de uma só verdade, jaz em todos os seres humanos a eterna harmonia, da qual resulta a unidade.

Ao meu ver, esta idéia é a mais necessária em nosso tempo e especialmente adequada à Índia, cujo solo é multi secularmente fértil para que nele semeiem, germinem, brotem, entaleçam e lancem rebentos toda linhagem de modalidades religiosas, pois até os mormonistas vêm pregar suas doutrinas na Índia.

Muitas são as seitas do hinduísmo, algumas das quais de aparência irremissivelmente contraditória; não obstante, todas denotam que são diversas modalidades de uma só religião fundamental.

Assim diz a voz do sábio: “Como diversos rios que nascem em diferentes montanhas juntam suas águas no mesmo leito que, em caudalosa corrente, leve-as para o mar, também as diferentes seitas, com seus diversos pontos de vista, chegam toda a Ti”.

Havermos de reconhecer que todas as religiões vivificadas pela mesma seiva e que se disser a respeito de sua incompatibilidade é mera superstição.

O próprio Deus responde à todas elas e ninguém está encarregado da salvação do próximo, pois só a Deus e a cada um de per sim encube a salvação.

Não compreendo como haja quem creia em Deus e ao mesmo tempo imagine que Deus confiou toda a verdade a um só homem para que a guardasse e definisse infalivelmente para sujeitar a humanidade com tal definição.

Como é possível chamar a isso de religião? Religião é o reconhecimento da natureza divina do homem, é o exercício da virtude, a efetividade do amor, a prática do bem sem esperança de prêmio nem temor do castigo, é o cumprimento do dever; não é, porém, egotismo teológico, nem subtileza escolástica, fé cega, devoção egoísta ou pietismo supersticioso.

Até na religião maometana, que nos parece a mais fanática e intolerante, vemos que quando um homem conhece e prática a essência da religião, exclama: “Tu és o Senhor de todas as coisas. Tu estás no coração de todas as coisas. És o guia de tudo. És o Mestre de

todos. Tens infinitamente mais cuidado do que nós pela terra de Teus filhos”.

Não devemos conturbar a fé de ninguém. Se for possível demos ao próximo algo melhor do que ternos e procuremos elevar o nível de sua consciência; porém não destruamos o que já possui.

O único instrutor eficaz é aquele que pode colocar-se imediatamente no nível do estudante e transferir sua alma ao estudante, ver pelos olhos, ouvir pelos ouvidos e pensar com a mente do estudante, ao inverso do que sucede no mundo acadêmico, onde os estudantes não de ver pelos olhos, ouvir pelos ouvidos e pensar com a mente do mestre; daí resulta que, quando o homem, não sabem ver com os seus olhos, ouvir com seus ouvidos, nem pensar com sua mente.

Ramakrishna ensinou-me com seus exemplos que o homem pode atingir a perfeição já nesta vida e em corpo físico. Seus lábios jamais vituperaram a quem quer que fosse. Seus olhos eram incapazes de ver o mal e sua mente era impermeável aos maus pensamentos. Só percebia o bem. Sua admirável pureza, sua perfeita renúncia foram o segredo de sua extraordinária espiritualidade.

Dizem os Vedas: “Não é pela riqueza nem pela herança, mas tão somente pela renúncia que se alcança a imortalidade”.

Disse Cristo: “Vende tudo que tens, dá aos pobres e segue-me”.

O mesmo disseram e praticaram os grandes santos, profetas e instrutores. Como seria possível a espiritualidade sem a renúncia? A renúncia é a base de todo pensamento religioso e, à medida que se debilita a idéia de renúncia, toma força a idéia de concupiscência no campo da religião.

Ramakrishna era a renúncia personificada. Na Índia é necessário que o sannyasi renuncie a todos os seus bens. Meu mestre renunciou por completo a todos os seus haveres e jamais quis receber dádivas de pessoa alguma, apesar de haver quem lhe daria com todo prazer milhares de rúpias.

Foi ele um triunfante exemplo de completa vitória sobre a luxúria e a avareza.

Exemplos como o seu convém nestes dias em que os homens imaginam que não podem viver, sem satisfazer ao que chamam de necessidades, as quais crescem em espantosa proporção.

Nossa época necessita de homens como Ramakrishna, que demonstrem aos cépticos que ainda existe quem não ambiciona, não sonha e aliás estima menos do que uma palha todo o ouro e toda a fama deste mundo.

Sentia Ramakrishna intensíssimo amor ao próximo. Empregou a primeira parte de sua vida na educação da espiritualidade e o resto em distribuí-la.

Na Índia, os que vão visitar um sannyasi não tem outro propósito senão perguntar-lhe algo referente à eterna salvação da alma.

Dirigem-se aos milhares, sem cerimônia, e como o santo não reside em um ponto fixo, procuraram-no e muitas vezes o encontram sentado à sombra de uma árvore.

São tantos os que o procuram, que devem esperar a sua vez e quando um sannyasi satisfaz a alguns, apresentam outros suas questões, de modo que ele passa o dia todo respondendo a consultas.

Grande multidão visitava Ramakrishna, que passava muitos dias respondendo a perguntas durante vinte horas.

Tão exaustivo labor acabou por debilitar as suas forças corporais; porém tão vivo

era seu amor à humanidade, que não cessou de auxiliar até ao mais íntimo dos que o procuravam. Pouco a Pouco, desenvolveu-se-lhe um câncer na garganta, sem que por isso deixasse de esforçar-se em suas prédicas e quando alguém solicitava audiência, recebia a visita com ternura.

Quando procuravam dissuadi-lo de dar audiência, respondia:

- Não me importa. Daria vinte mil corpos que tivesse para favorecer a um só homem. E, muito formoso prestar auxílio.

Uma vez perguntou-lhe um senhor:

- Se és tão grande yogi, por que não aplicas a mente a teu corpo e te curas da enfermidade que padeces?.

De imediato, não respondeu; porém como o homem insistisse, falou:

- Meu amigo, julguei que fosses mais sábio, porém vejo que falas como os demais homens, mundanos.

A mente deve estar focalizada no Senhor. Por ventura julgas que hei de desviá-la do Senhor. Para dirigir-la ao corpo, que é uma mera jaula da alma.

Continuou, pois, o Mestre a pregar ao povo e quando se espalhou a notícia de que seu corpo estava próximo da morte, aumentou a multidão dos que iam vê-lo e o adoravam como encarnação de Deus.

Milhares de homens, mulheres e crianças acotovelavam-se para tocar á orla de sua vestimenta e outros tantos porfiavam para ouvi-lo pela última vez.

Ramakrishna, apesar de sua terrível e incurável enfermidade, não deixava de pregar ao povo, até que em certa ocasião anunciou que no mesmo dia deixaria o corpo e ficou em estado de êxtase, do qual não mais voltou.

Seus pensamentos e sua Mensagem foram compreendidos apenas por poucos capazes de pregá-los, entre eles alguns jovens que haviam renunciado ao mundo e estavam dispostos a continuar a obra do Mestre; e embora houvesse empenho de coação mantiveram-se firmes porque sabiam que lhes esperava uma vida imortal.

Esses jovens viveram como sannyasis, mendigaram o sustento pelas ruas da cidade em que haviam nascido, embora alguns deles pertencessem a famílias opulentas.

A princípio depararam com graves impedimentos, porém sua perseverança foi vitoriosa e eles percorreram toda a Índia, pregando a Mensagem de seu Mestre, daquele insigne Instrutor que de uma longínqua aldeia de Bengala, sem cultura, sem estudos acadêmicos, pela pura força da determinação, alcançou a Verdade e pregou ao povo, deixando alguns jovens que mantiveram vivos os seus ensinamentos.

Atualmente, mi lhões veneram o nome de Sr! Ramakrishna Paramahansa e seu prestígio espiritual transpôs a fronteiras da Índia.

Esta é a Mensagem de Ramakrishna ao mundo moderno:

“Não vos preocupeis com as doutrinas com os dogmas, seitas, templos nem igrejas. Nada valem, comparados com a essência espiritual do homem, que quanto mais espiritualizado for, maior poder terá para o bem.

“Não critiqueis nem censureis a ninguém, porque todos os credos e doutrinas possuem algo da verdade”.

“Demonstrar com a vossa conduta que a religião não consiste em palavras nem em nomes ou seitas, mas que significa uma realidade espiritual.

Só pode compreender quem experimenta pessoalmente o que deseja compreender.

“Somente quem alcançou a espiritualidade pode comunicá-la e ser instrutor da humanidade. Só este é uma potestade luminosa”.

Quanto mais homens como Ramakrishna se levantem em um país, mais esse país se enaltecerá; o país que não possuir nenhum homem como esse cairá na ruína moral.

Portanto, a Mensagem do meu Mestre ao inundo é, em resumo, a seguinte:

“Sede espirituais e alcançai a Verdade por vós mesmos”.

Deseja que cada qual se sacrifique em benefício do próximo e que não se fale tanto em abnegação, amor a próximo e fraternidade universal, sem praticá-los neste mundo.

Quando a renúncia, o altruísmo, o amor ao próximo e a caridade estiverem nas obras e não nas palavras, facilmente se conciliarão em harmonioso laço todas as religiões do mundo.

Então compreenderemos que não haverá necessidade de combater uma a outra e todas estarão dispostas a beneficiar a necessitada humanidade.

Proclamar e esclarecer a unidade essencial de todas as religiões foi a missão do meu Mestre.

Outros Mestres ensinam modalidades especiais de religião, que levam seus nomes, porém este insigne Mestre do século XIX não pretendeu fundar nenhuma. Deixou todas em paz, porque sabia que cada uma delas era uma parcela da única e eterna Religião.

O Pensamento Religioso da Índia

Embora territorialmente a Índia seja a metade dos Estados Unidos, conta com uma potência três vezes maior e as religiões mais ou menos dominantes são o hinduísmo, o maometismo, o budismo e o jainisino.

Segundo as estatísticas, há uns sessenta milhões de maometanos, oito de budistas, dois de jainos e duzentos e trinta de hinduístas.

As principais características do hinduísmo são a filosofia contemplativa e os ensinamentos morais contidos nos Vedas, que afirmam que o universo é Infinito no espaço e eterno em duração, que nunca teve princípio nem terá fim.

Inumeráveis têm sido as manifestações do poder do espírito no reino da matéria e da força do Infinito; porém o Infinito Espírito é existente por si mesmo, imutável e eterno.

O caminho do tempo não deixa sinal algum no quadrante da eternidade. Nesta região super sensorial do Absoluto, que o entendimento humano não pode compreender, não há passado nem futuro.

Os Vedas ensinam que a alma do homem é imortal, ao passo que o corpo está sujeito A lei de crescimento e decadência. Aquilo que prospera e cresce há de fatalmente decair; porém o espírito que mora no corpo está relacionado com a vida infinita e eterna, nunca teve princípio e jamais terá fim.

Uma das principais distinções entre o hinduísmo e o cristianismo é que, segundo o cristianismo, cada alma humana tem seu princípio ao vir a este mundo, ao passo que, segundo o hinduísmo, o espírito humano é emanção do eterno Espírito de Deus e não tem princípio, porque antes de nascer no mundo, preexiste em Deus.

Muitas têm sido e serão as manifestações da alma humana em seu caminho pelas distintas personalidades, sujeita que está à grande lei de evolução espiritual, até, alcançar a perfeição, isto é, até atualizar e manifestar plenamente sua perfeição, pois a alma já é perfeita por si.

É costume perguntar amiudadamente por que a alma não se recorda das vidas passadas, se já passou por muitas vidas.

A isto respondemos que o que chamamos consciência no plano físico não é mais que a superfície do nosso oceano mental, em cujo fundo estão armazenadas todas as nossas experiências, tanto agradáveis como penosas.

O anelo da alma humana é a paz definitiva e estável. A mente, o corpo e os diversos fenômenos da natureza estão em uma condição de incessante mudança; porém a suprema aspiração da alma é encontrar algo que não se altere, que seja absolutamente perfeito, com permanente perfeição. Tal é o anelo da alma para harmonizar-se com o Infinito.

Quanto mais elevado for nosso caráter intelectual e moral, mais intensa e firme será a aspiração da alma ao imutável e Eterno.

Os positivistas modems ensinam que não existe aquilo que não pode ser percebido pelos cinco sentidos e que é ilusão supor que o homem é uma entidade independente.

Os idealistas, ao contrário, dizem que cada indivíduo é uma entidade independente e

que o mundo externo é plasmado pelas idéias que o conceberam.

A verdadeira solução do problema, porém é que a natureza é uma mescla de dependência e Independência, realismo e Idealismo.

Nossa mente e nosso corpo dependem do mundo externo e esta dependência varia segundo nossas relações com ele; porém o espírito é livre como livre é Deus e, segundo o estudo de seu desenvolvimento, pode dirigir em maior ou menor grau o movimento de nossa mente e nosso corpo.

A morte não passa de uma mudança de condição. Permanecemos no mesmo universo e ficamos sujeitos às mesmas leis anteriores.

Quem transcendeu os três mundos e chegou aos planos de desenvolvimento superior em beleza e sabedoria é a guarda avançada do grande exército universal que o acompanha.

O espírito do superior está relacionado com o espírito do inferior e em tudo existe o germen da infinita perfeição.

Devemos cultivar o temperamento otimista e acostumar-nos a ver o aspecto, radiante de todas as coisas. Se nos desanimamos lamentando as imperfeições de nossa mente e de nosso corpo, isso nada adiantará. O heróico esforço que subjuga as circunstâncias adversas é que impele nosso espírito para o progresso.

A finalidade da vida é conhecer as leis do desenvolvimento espiritual. Os cristãos podem aprender dos hinduístas e os hinduístas dos cristãos, pois Lins e outros têm contribuído valiosamente para a sabedoria do mundo.

Convém demonstrar à juventude a idéia de que a verdadeira religião é otimista e que não consiste em reprimir o mal, mas praticar o bem na persistente realização de nobres ações.

A verdadeira religião não provém dos ensinamentos dos homens, nem da leitura dos livros. É o despertamento do espírito interior, ao toque de puras e heróicas ações.

Cada ser humano que vem a este mundo traz consigo o fruto das experiências acumuladas em passadas encarnações e o selo dessas experiências está impresso na estrutura do seu corpo e da sua mente.

Porém, o sentimento de independência que todos experimentamos, denota que há em nós algo de superior e além da mente e do corpo.

O espírito reinante no interior é independente e suscita o anelo de libertação da mente e do corpo do mundo exterior. Se não nos libertarmos, como poderemos melhorar o mundo?.

Nós afirmamos que o progresso humano é o resultado da ação do espírito. O que é o inundo e o que nós somos é o resultado da vontade do espírito.

Creemos em um só Deus, Pai de todos os homens, onipresente e onipotente, que guia e protege seus filhos com infinito amor.

Creemos, os hinduístas, como crêem os cristãos, em um Deus individual; nós, porém, vamos além e cremos que somos Ele, isto é, que se manifesta em nós e que vivemos e estamos em Deus.

Creemos que há um fundo de verdade em todas as religiões e respeitamos a todas, porque a verdade neste mundo se encontra por adição e não por subtração.

Quiséramos oferecer a Deus um ramo das mais formosas flores de todas as religiões. Devemos amar a, Deus por ser quem é e não por esperança de prêmio, nem temor de castigo; por amor ao dever, devemos cumpri-lo; por amor a beleza, devemos adorá-la.

Assim, na pureza de nossos corações e na serena tranqüilidade de nossas mentes veremos a Deus.

Os sacrifícios, as genuflexões, as preces balbuciadas não são religião e servem apenas para estimular as boas obras e elevar a mente ao ideal da divina perfeição, de modo algum, servem para realizá-lo.

De que vale dizer com os lábios que Deus é o Nosso Pai, se em nossa vida diária não reconhecemos um irmão em cada semelhante.

Os livros foram escritos para indicar-nos o caminho da vida superior, porém não terão eficácia se o caminho não for seguido com passos firmes.

Cada personalidade humana pode ser comparada ao globo de uma lâmpada elétrica. A mesma luz brilha em todas as lâmpadas: a luz de Deus. Porém se o cristal do globo é de diversas cores e diferentes espessuras, a luz se manifestará com a mesma intensidade de transmissão, apesar de ser idêntica em todas as lâmpadas.

A intensidade, fulgor e formosura da luz de todas as lâmpadas é a mesma e a aparente desigualdade é apenas a imperfeição do globo que a envolve. À proporção que nos adiantamos na escala da evolução, aumenta a delicadeza e transparência de nossa personalidade, isto é, do globo que envolve a luz do espírito.

O Psiquismo e a Ciência

Prevalece entre os povos cristãos o erro tradicional de que os muçulmanos negam alma da mulher.

É próprio de pessoas vulgares falar caluniosamente de quem não pensa ou parece não pensar de acordo com elas, e procuram desprestigiá-las com toda sorte de falsidades.

Embora não seja muçulmano, tive excelente oportunidade de observar seus costumes e conhecer sua religião e afirmo que não há no Corão nem o mais leve indicio em que se possa basear a gratuita suposição de que a mulher não tem alma; ao contrário, ali se afirma que ela tem.

Relativamente à questão da demonstração científica dos fenômenos psíquicos, convém antes de tudo saber o que se entende por demonstração. Se trata dos fenômenos físicos e químicos com os quais estamos mais ou menos familiarizados, será por acaso certo que qualquer pessoa é capaz de compreender a demonstração do mais simples fenômeno?

Se efetuamos uma experiência científica na presença de um cretino, este nada entenderá, pois necessita muita preparação mental para compreender uma experiência.

Se, por demonstração científica se entende colocar um fato, um fenômeno natural em um plano, no qual todos sem exceção o compreendam, nego a possibilidade de tal demonstração científica, pois, se assim fosse, de nada serviriam as universidades.

Para que nos serviria a instrução, se com o uso da razão pudéssemos compreender toda verdade científica.

Ao contrário, consideraríamos mais propriamente a demonstração científica como a exposição de fatos aduzidos em prova de outros fatos mais complicados, a fim de colocá-los no plano de nossa consciência ordinária; porém ainda isto é muito difícil e requer rigorosa disciplina mental.

Portanto, a demonstração científica dos fenômenos psíquicos requer, por um lado, a prova do fenômeno e, por outro, a necessária e suficiente disciplina mental daqueles que presenciem a experiência.

Nestas condições, estaremos aptos para admitir ou repelir a prova de qualquer fenômeno psíquico que se nos apresente; porém, sem estes requisitos, não é possível demonstrar cientificamente qualquer fenômeno psíquico.

Quanto à afirmação de que as religiões são resultado de uma fantasia sem outro fundamento senão conjecturas, é uma afirmação demasiado gratuita, que não se apoia em argumentos sólidos, pois ainda atualmente presenciemos fenômenos, aparentemente inexplicáveis, que têm sido objeto de investigações.

O cego de nascimento pode negar a existência do sol e apesar de sua negativa o sol existe.

Há muitos anos que se investigaram os fenômenos psíquicos e muitas pessoas dedicaram-se a uma rigorosa disciplina com o intuito de aumentar a sensibilidade de seus nervos e realizaram fenômenos de índole muito diferente dos fenômenos físicos.

Sempre reconheci que pululam as mentiras, as fraudes, as imposturas e os artifícios

em tudo que se refere a psiquismo. Mas em que outro ramo não sucede o mesmo?.

Há moeda legítima e moeda falsa; há virtude e hipocrisia; há mentira e verdade envoltas nas mesmas palavras; há coisas, como, por exemplo, o éter transmissor, cuja existência afirmam uns sábios tão convictamente como se o tivessem nas mãos, enquanto que outros sábios o negam, como se tivessem chegado ao extremo da investigação.

Se o agnóstico positivista medisse sua ciência experimental com a mesma medida que aplica ao que não quer crer, imediatamente tremeriam os fundamentos do seu edifício científico.

Em tudo quanto está sujeito a este mundo de relatividade, vivemos em plena hipótese e nunca satisfeitos com a que acabamos de estabelecer, buscamos logo outra explicação, movidos pelo natural anseio de conhecer definitivamente a verdade.

Não é possível ser agnóstico no psíquico e seguir indagando no físico. Havemos de esforçar-nos em conhecer o que parece incognoscível.

Portanto, ao meu ver, os fenômenos psíquicos, não os de mínima importância como o movimento dos candieiros, tripés, pancadas de mãos invisíveis, mas sim os de intensa clarividência, próprios de um estado mental superior é que são os verdadeiros degraus da investigação psíquica.

O que primeiramente se há de inquirir é se a mente pode ou não alcançar referido estado superior.

A consciência não está necessariamente ligada à existência, pois em nosso corpo existem e se sucedem fenômenos fisiológicos dos quais não temos consciência.

Por exemplo: ninguém é consciente de seu cérebro, porque ninguém viu seu cérebro e, entretanto, sabe que existe. Assim, não necessitamos tanto da consciência como do reconhecimento da existência de algo que não seja a matéria grosseira.

O conhecimento desse algo superior à matéria podemos alcançar ainda nesta vida e não há dúvida de que alguém já obteve e demonstrou este conhecimento, como já obtiveram e demonstraram o dos fenômenos psíquicos.